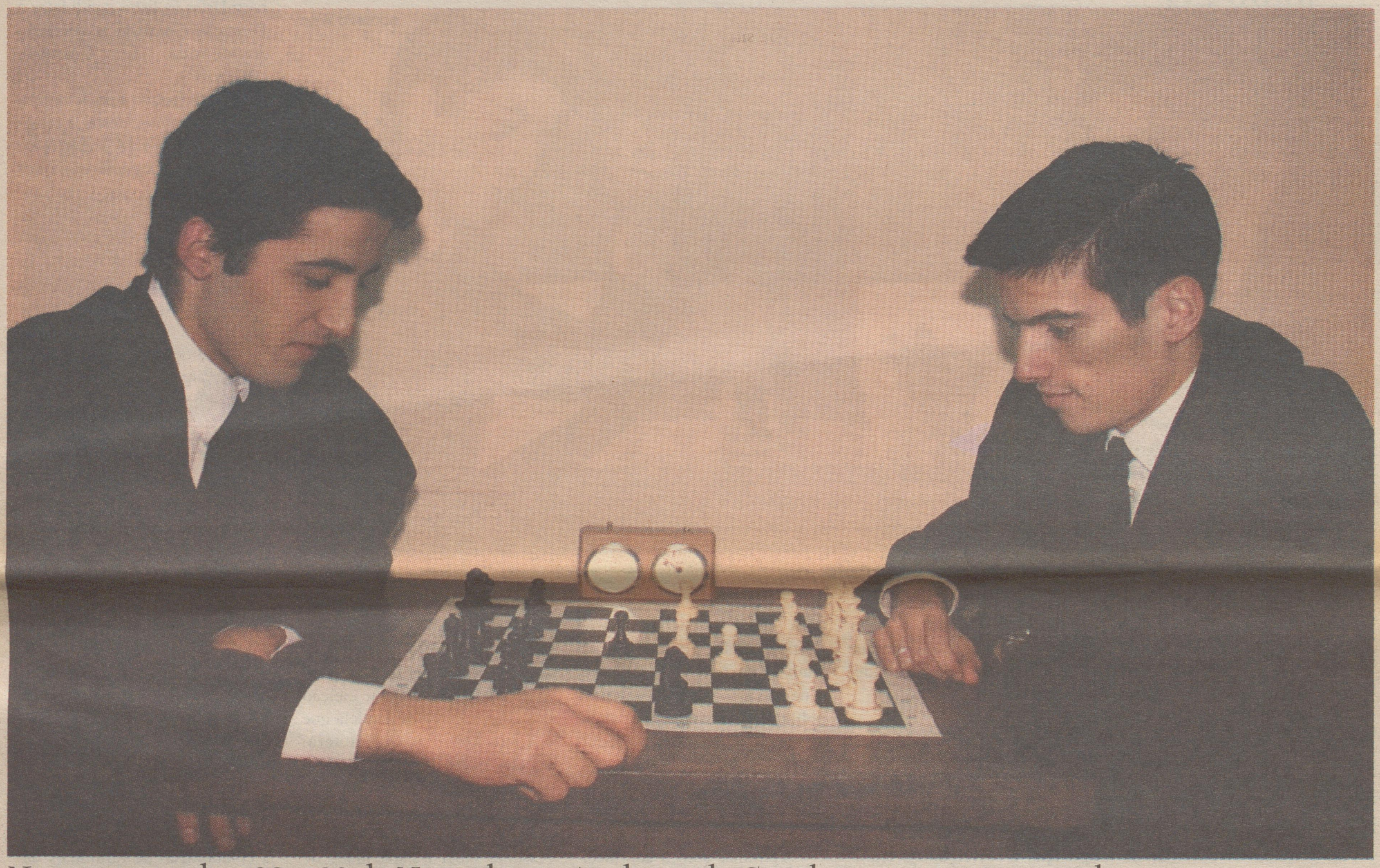
BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

DOM Pinto

Nº62 23 de Novembro de 2000 **Quinzenal** **Director:** Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

Começou o desafio



Nos próximos dias 29 e 30 de Novembro, a Academia de Coimbra vai às urnas para eleger o próximo presidente da Direcção Geral da AAC. A uma semana do acto eleitoral, apresentam-se projectos.

Belle Chase com novo álbum

A "casa de banho das estrelas" é um luxo requintado, o perfume suave e as tonalidades claras apresentam um brilho incandescente de um espelho acabado de limpar.

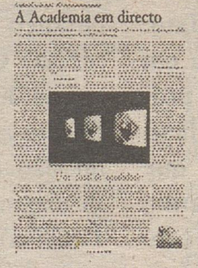
Página 8

Encontros directos

Albano da Silva Pereira continua a ser o homem forte dos Encontros de Fotografia. A edição deste ano, o projecto Mnemosyne, é a primeira edição bienal assinalando uma viragem de linha de orientação temática daquele que é o maior evento da imagem em Portugal.

Paginas 14 e 15

Emissões académicas



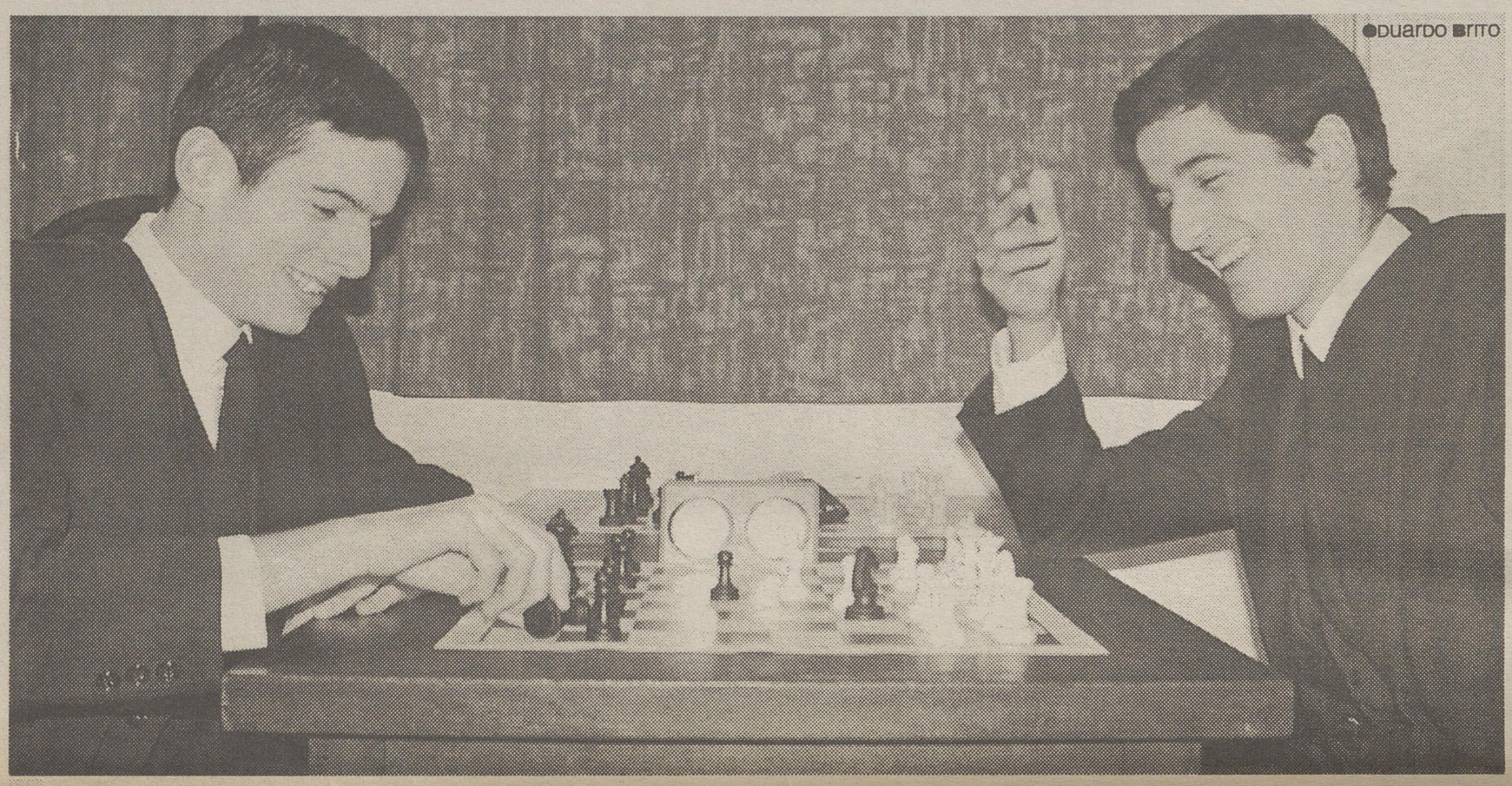
Com o nascimento deste canal televisivo, a mais antiga instituição académica do país terá a oportunidade de registar os principais acontecimentos do seu já longo historial. A força e projecção de uma televisão irá por certo trazer uma nova visibilidade à AAC.

Página 4

Academia vai a votos

O senhor que se segue

Nos próximos dias 29 e 30 de Novembro, a Academia de Coimbra vai voltar às urnas para eleger o próximo presidente da Direcção Geral da AAC. A uma semana do acto eleitoral, apresentam–se projectos, debatem–se ideias, mostram–se aqueles que são os candidatos ao mais ambicionado cargo da AAC.



Humberto Martins e Nuno Lobo: antevê-se uma luta renhida

São três os candidatos à presidência da Direcção Geral da AAC (DG/AAC). A uma semana das eleições, assiste–se ao expor de projectos e ao debate de ideias da parte daqueles que aspiram a comandar os destinos da AAC no próximo ano. Nos próximos dias 29 e 30 a Academia volta às urnas para eleger o seu presidente.

Ao contrário do sucedido no ano transacto, quando o então presidente da DG/AAC, Hugo Capote, decidiu–se pela não re–candidatura (questão que, aliás, acabou por marcar decisivamente todo o processo eleitoral), o actual titular do cargo, Humberto Martins, optou por se candidatar a um segundo mandato. Segundo o próprio, "estava em causa a continuidade de um projecto, a constatação de que houve um trabalho este ano e que tem que haver um seguimento, uma linha condutora". Deste modo, o estudante de Farmácia assume o carácter de continuidade da Lista V. "Este ano tivemos um processo complicado, de consolidação, de organização, de credibilização dentro da AAC, feita a varios níveis. A AAC merece uma estrutura coesa, uma voz interventiva, com clara noção da representatividade dos estudantes e é este tipo de exigências que esta equipa pretende assumir e trabalhar para cumprir." Para Humberto, o balanço de um ano de mandato é positivo, especialmente "tendo em conta as dificuldades que encontrámos pela frente. A partir daqui - conclui - é legítimo que se pense numa continuidade, num aprofundar do projecto."

"Recuperar a Academia de antigamente"

Há já algum tempo avançado como possível candidato, na oposição à reeleição de Humberto Martins, encontra–se Nuno Lobo, candidato pela lista T. "A minha candidatura surge essencialmente para combater a letargia que acabou por dominar o mandato da actual DG. " Na opinião deste estudante do 5º ano de Direito, é difícil fazer um balanço da actuação desta Direcção Geral: "Houve muitas coisas de que não me apercebi. E acho que os estudantes, no geral, não se aperceberam". Por isso mesmo o candidato pela lista T não consegue fazer um balanço positivo ou negativo do mandato de Humberto Martins. Deste modo, Nuno Lobo faz assentar a sua canditura no que refere como quatro pontos essenciais: "Fazer ressurgir a AAC no panorama político–associativo nacional através de uma prévia reestruturação interna, de uma aproximação aos núcleos, aos estudantes, para depois ser possível voltar a partir para o exterior como foi apanágio da AAC nos anos 60, 70, 80, repensar toda a estrutura da Queima das Fitas, que sabemos estar mal, sendo necessário que haja coragem para iniciar o debate em torno desta questão, potencializar o símbolo da AAC e, por último, é necessário estabelecer uma política que dê muito mais apoio aos núcleos das diversas faculdades.

"Acordar os estudantes"

"Terminar com o adormecimento generalizado dos estudantes." Este é o principal objectivo da Lista B, uma lista que se apresenta como um colectivo, rejeitando qualquer tipo de estrutura hierarquizante no interior do projecto. Nas palavras de Marco Aurélio dos Santos, estudante de Engenharia Civil, a cara visível do projecto, o objectivo é acordar a Academia. Não temos bandeiras - refere -, somos anti–bandeiras". No entender deste colectivo que surge de forma embrionária ligado à lista B, concorrente às eleições do ano passado, a preocupação fundamental da Direcção Geral deveria prender–se com o suporte político às opções que os estudantes optarem por seguir. "São os estudantes que devem actuar. Cabe à Direcção Geral apoiá–los nas suas decisões, no exercer dos seus direitos".

A sensibilização

Uma vez mais, um dos grandes desafios que é posto aos vários candidatos prende–se com a mobilização de um universo eleitoral que insiste, na sua grande parte, em permanecer alheado do exercer do seu direito de voto e consequente eleição dos corpos gerentes daquela que é a sua associação, ou seja, aqueles que os representam. No ano subsequente a uma votação que rondou os cerca de 5.000 votantes, não deixa de ser interessante saber a capacidade de mobilizar uma Academia que, nos últimos tempos, tem vindo a sucumbir à tentação do distanciamento mais ou menos justificado.

Esta será uma função destinada à complexa máquina de campanha de cada lista. À entrada da última semana antes das eleições, prevê–se o povoamento dos pólos universitários com os já habituais "jardins suspensos" em formato de faixas para além da já previsível proliferação de comunicados que prometem encher os bolsos dos habituais transeuntes, mais ou menos interessados, mais ou menos influenciáveis.

Durante dois dias, nas Faculdades, departamentos e no edifício da AAC, os caminhos prometem desembocar nas urnas de voto.

Se não houver segunda volta (agendada para os dias 6 e 7 de Dezembro), o novo presidente da DG/AAC será conhecido na madrugada do dia 1 de Dezembro.

Sérgio Alves

Apoio laranja

Uma questão que acaba, todos os anos, por se tornar incontornável prende–se com a existência ou não de financiamento por parte de estruturas partidárias às listas candidatas à Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC).

Esta situação tem levado a que, pelo menos, desde a presidência de António Vigário todas as listas neguem qualquer tipo de apoio político–partidário. Contudo, isto nem sempre se verifica e o facto de Nuno Lobo se afirmar militante do Partido Social Democrata levou a que a lista que encabeça fosse associada a este partido.

Tendo em conta as declarações de alguns militantes da Juventude Social Democrata (JSD), a candidatura da Lista T, liderada por Nuno Lobo, é "uma aposta forte" desta Juventude Partidária. Esta aposta traduz–se em apoio financeiro que é recebido pela Lista T como subsídio à compra de material e que ronda os 500 mil escudos.

No entanto, as relações entre Nuno Lobo e o sector regional da JSD parecem ter azedado. De acordo com as palavras dos já referidos militantes da Juventude Social Democrata, que desejaram manter o anonimato, esta situação deve–se à maneira como Nuno Lobo se comportou, "rompendo o inicialmente acordado em relação à colaboração de militantes da JSD na sua lista". Esta situação criou um certo mal–estar na estrutura local, mas não levou a que o apoio fosse retirado à Lista T, o que leva a que se possa afirmar que "Nuno Lobo é apoiado pela estrutura nacional da JSD, apoio esse que não é unânime a nível da estrutura local".

Confrontado com esta situação, o candidato da Lista T, que não esconde ser militante social–democrata, nega a existência de qualquer tipo de apoio, quer político, quer financeiro: "Quando eu comecei a dizer às pessoas que me ia candidatar, todos me respondiam que eu não ia conseguir por ser filiado no Partido Social Democrata. Mas eu sou uma pessoa normal e tenho direito a uma ideologia política." Instado a comentar as declarações dos militantes da JSD atrás referidos, reafirmou não existir qualquer tipo de financiamento por parte da juventude partidária a que pertence.

Bruno Ferreira

Eleições para os corpos gerentes da AAC

Os candidatos à lupa

Humberto Martins, Nuno Lobo e Marco Aurélio são os candidatos à presidência da mais antiga academia do país. O primeiro defende a continuidade da acção da actual Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Nuno Lobo pretende aumentar a visibilidade interna e a lista B, à semelhança do que se passou no ano passado, aposta numa linguagem mais chocante para acordar os estudantes.

1-Quais as 4 principais razões da tua candidatura?

2-Que males enfermam a Associação Académica de Coimbra?

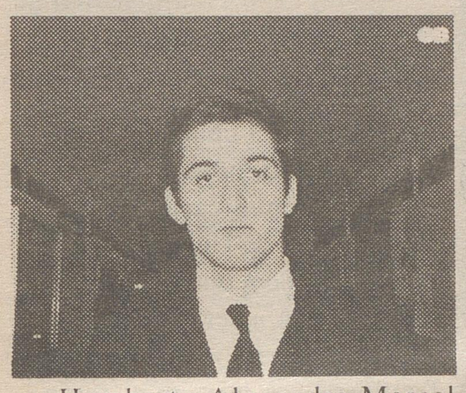
3- Que soluções apresentas para os problemas da Academia?

4- Quais as bandeiras do programa eleitoral no âmbito da política educativa?

5- Se fosses Ministro da Educação qual seria a primeira medida que tomavas em relação ao ensino superior?

6- Como te defines política e ideologicamente?

"Há projectos por terminar"



Humberto Alexandre Marçal Tomás Martins recandidata–se este ano à DG/AAC encabeçando a lista V. Aos 23 anos, este estudante do 5º ano de Ciências Farmacêuticas tem já um longo currículo nas lides associativas, tendo sido presidente do Núcleo de Estudantes de Farmácia e da Associação Portuguesa dos Estudantes de Farmácia. " V, uma academia mais forte" é o slogan da candidatura deste estudante de Águeda que já tinha trabalhado na DG de António Silva e Zita Henriques.

1- A primeira razão é preservar e ampliar o bom trabalho realizado este ano a nível de credibilização da AAC interna e externamente.

Uma outra é elevar a fasquia em termos de exigência e trabalho da Academia, nomeadamente na defesa intransigente dos direitos dos estudantes. Isto consegue–se através de uma intervenção directa nas faculdades e nos Departamentos onde os problemas existem conjugando todas as estruturas existentes: Núcleos de estudantes e órgaos de gestão.

A intervenção nacional da AAC é um terceiro motivo. Este ano conseguiu–se reconquistar um papel que não tinha antes desta DG ter tomado posse.

A quarta razão tem a ver com projectos mais específicos que ainda estão por terminar. Todo um sector financeiro e económico que é necessário regularizar e consolidar. A Televisão Académica, o recém–criado Conselho Cultural, a transparência e rigor na Queima das Fitas e a reestrururação do edifício da AAC são outros projectos para continuar.

2- Um dos problemas é a parte burocrática que existe e os problemas que se arrastam em tribunais. Um dos aspectos em que a AAC tem que fazer ainda mais é a representatividade. Com a expansão da Academia surgem problemas da participação, da informação, da interactividade com as dezenas de milhar de estudantes da Universidade.

3- Deve reforçar–se bastante mais a nível interno da academia a informação, não só pelo conhecimento das situações, dos problemas, das formas de resolução mas também da informação, consciencialização do que acontece, por que acontece , dos condicionalismos que imperam sobre os estudantes do ensino superior. Tem que haver também uma intervenção directa na resolução dos problemas específicos das faculdades, de determinada disciplina, seja através dos núcleos ou de outras formas.

4- . O Ministério da Educação reconheceu, finalmete, o equívoco do estatuto do estudante elegível, já que a qualidade não é uma referência no nosso ensino superior como sempre dissemos. Uma outra exigência é relativa à pedagogia praticada. A nível da docência há um completo alheamento da parte da carreira académica, não é compreensível o actual estado do estatuto da carreira docente. Há um divórcio entre a actividade docente e a actividade lectiva, os docentes apenas são estimulados a trabalharem numa vertente científica, descurando a parte de formação pedagógica.

5- Procuraria saber o porquê do insucesso escolar e o porquê desse desfasamento da actividade lectiva nas instituições,o porquê da degradação das instituições. O ensino superior não está a servir nem para um bem nacional nem para uma realização pessoal. É preciso dar formação equilibrada com meios e condições para isso.

6- Partidariamente não me revejo em nenhum partido. Sou apartidário, mas não sou apolítico. Para mim a política é ideias e confronto de ideias. Infelizmente assiste–se a politiquices e a partidarices.

As pessoas são livres de optar pelo que querem e na AAC como sempre a única camisola que vesti foi a preta.

"Para uma maior visibilidade"

Nuno Miguel Novais Grangeon Cárcomo Lobo tem 22 anos e apresenta–se à presidência da DG/AAC pela lista T com o lema "A Academia é tua". Este estudante do 4º ano de Direito, para além de ser o actual presidente do Núcleo de Estudantes de Direito foi já membro do Conselho Pedagógico e da Assembleia de Representantes.

1- A primeira é o ressurgimento da Associação Académica de Coimbra a nível nacional, tendo por base uma visibilidade interna da DG, o que não foi conseguido nos dois últimos mandatos, com uma maior participação dos núcleos nos órgãos de gestão das faculdades para que depois consigamos transpor essa visibilidade interna como visibilidade externa no panorama do movimento nacional.

A segunda razão é essencialmente rever e estudar a Queima das Fitas . É natural que os estudantes pensem que a iniciativa está mal e agora há que ter coragem de uma vez por todas para debater e discutir acerca dessa problemática. Daí que se vier a ganhar, passo à discussão a nível interno da Academia culminando todo esse processo com uma Assembleia Magna. Os estudantes aí vão dizer o que realmente querem para a Queima das Fitas.

O terceiro ponto é potencializar o símbolo da AAC. E aí temos vários projectos como por exemplo o cartão bolseiro e a Televisão Académica.

Uma quarta questão já teórico–prática são os núcleos, que vão ser a nossa grande paixão.

2- O principal em termos de DG e faculdades é essencialmente o afastamento progressivo da AAC relativamente aos estudantes ao longo do tempo. As pessoas esquecem um bocado as faculdades quando vêm para a Padre António Vieira. Há certas iniciativas que serão sempre bem-vindas como por exemplo a que o Humberto fez nas faculdades, que são iniciativas de relevo, só que é necessário apresentar resultados. O Humberto fez, mas não apresentou. Uma das propostas logo iniciais da DG que eu presidir é fazer seis, sete dias nas faculdades e apresentar um caderno reivindicativo com soluções. Acho que os estudantes querem uma aproximação ao presidente da DG.

3- Acho que todo esse caderno reivindicativo que eu disse vai ser talvez o nosso grande cavalo de batalha para todos os problemas que a AAC tem porque, além de anotarmos nesse caderno reivindicativo os planos concretos de cada faculdade, a DG tem que propor como é que se vai resolver os problemas.

4- Essencialmente a política educativa vai ser o pelouro com mais relevo da DG. Fiquei contente com o que se passou nesta semana com a questão do estudante elegível. Agora, essencialmente, acho que a nossa grande batalha é a qualidade de ensino, é a questão do financiamento do ensino superior público.

5- Rever a actual Lei de Financiamento.

6- Social–democrata. Sempre referi isso e não vou esconder. Agora, independentemente de tudo a nossa lista é uma lista independente .

"O grande despertador"

Marco Aurélio Garcia dos Santos apresenta–se pela lista B, um colectivo que na prática rejeita hierarquias dentro do projecto. Com 24 anos, este estudante de Engenharia Civil fez já parte da lista B que concorreu às eleições para os órgãos de gestão da AAC do ano passado. O lema é no mínimo polémico: "Já chega, Caralho!!!"

1- Porquê quatro? Não temos quatro razões, só temos uma: Já chega Caralho!

2- O adormecimento dos estudantes.

3- Um grande despertador do tamanho de um quilómetro para acordar o pessoal.

4- Não temos bandeiras, somos anti–bandeiras. Programa eleitoral cada um tem o seu. A DG deveria promover o que os estudantes querem fazer. Se o interesse dos estudantes é contestar, deve ajudar, mas não deve fazer o trabalho das pessoas porque elas não vão lutar pelos direitos dos estudantes. A função da DG deve ser ajudar esses estudantes que querem ter os seus direitos, ou seja, se querem ter uma secção ou se querem fazer rádio ou jornalismo. São os próprios estudantes que devem fazer isso.

5-Cancelamento imediato da Lei de Financiamento do Ensino Superior e da Lei de Ordenamento Territorial do Ensino Superior (sic).

6- Não tenho ideologias nem sigo ninguém. Vivo por mim, fazendo o melhor no dia a dia.

Entrevistas realizadas por
José Carlos Santos e Maria João Lopes

A televisão da AAC dá os primeiros passos

A Academia em directo

Com o nascimento deste canal televisivo, a mais antiga instituição académica do país terá a oportunidade de registar os principais acontecimentos do seu já longo historial.

Encontra-se, em fase embrionária, um circuito interno de televisão da Associação Académica de Coimbra (AAC) que englobará o edifício, as cantinas e, numa fase mais adiantada, as residências universitárias.

Em declarações a A CABRA, o presidente da Direcção Geral da AAC (DG/AAC), Humberto Martins, e um elemento da comissão executiva do Conselho Cultural da AAC, Alan Pinto, revelaram em que estádio de desenvolvimento se encontra este ambicioso projecto. A nível dos números envolvidos no projecto, não há certezas. O primeiro revela que o custo irá rondar "as centenas de milhares de contos" e frisou a excessiva especulação mediática criada em torno deste aspecto.

A questão central nesta altura é a de saber em que moldes é que a estrutura orgânica da futura televisão académica vai funcionar. Humberto Martins esclareceu que essa questão remete para as discussões que se estão a desenrolar no seio da comissão executiva do Conselho Cultural. Embora a ideia do projecto já tenha surgido há mais de dois anos, só desde Março deste ano é que se criou um grupo de trabalho para analisar a viabilidade do projecto. Nesta primeira fase, não se descarta a candidatura a um subsídio do programa europeu Media 2000 Plus. Este programa consiste no apoio logístico a nível de materiais e recursos humanos aos candidatos.

Como nos refere o presidente, é um "projecto bastante ambicioso e, na exacta medida dessa ambição, há que haver a exacta cautela". Contactos já foram estabelecidos com a Reitoria da Universidade para solicitar o seu apoio. Porém, segundo o próprio, uma coisa é dada como inalienável: a televisão, a existir, será sempre propriedade da AAC.

Levar a bom porto

As promessas de Nuno Lobo, candidato à DG/AAC da Lista T, de avançar em força com este projecto televisivo, não surpreendem Humberto Martins. Pelo contrário, este afirma que isso "só vem provar o nosso bom trabalho". O próprio frisou que este tem sido um projecto teorizado ao longo de vários anos e que a criação do Conselho Cultural fornece um palco de discussão para levar o projecto a bom porto. Portanto, "um projecto da casa e não de A, B ou C".

O maior entrave a médio prazo prende–se com o investimento necessário para o projecto no seu todo. Efectivamente, este dirigente esclarece que "a capacidade financeira é uma condicionante para um projecto desta envergadura".

Elemento do órgão criado para abordar esta questão, entre outros assuntos de índole cultural, Alan Pinto adianta alguns pormenores sobre o formato constituinte da futura televisão. Segundo relatou, se o projecto avançasse neste momento, seria com equipamento emprestado de várias empresas a par do já existente no Centro de Estudos Cinematográficos. Ou, por outro lado, "tentar arranjar o capital para comprar o equipamento todo de raiz". Do mesmo modo, existem expectativas no sentido de ver que implicações é que a futura legislação sobre canais regionais vai ter no âmbito do canal académico.

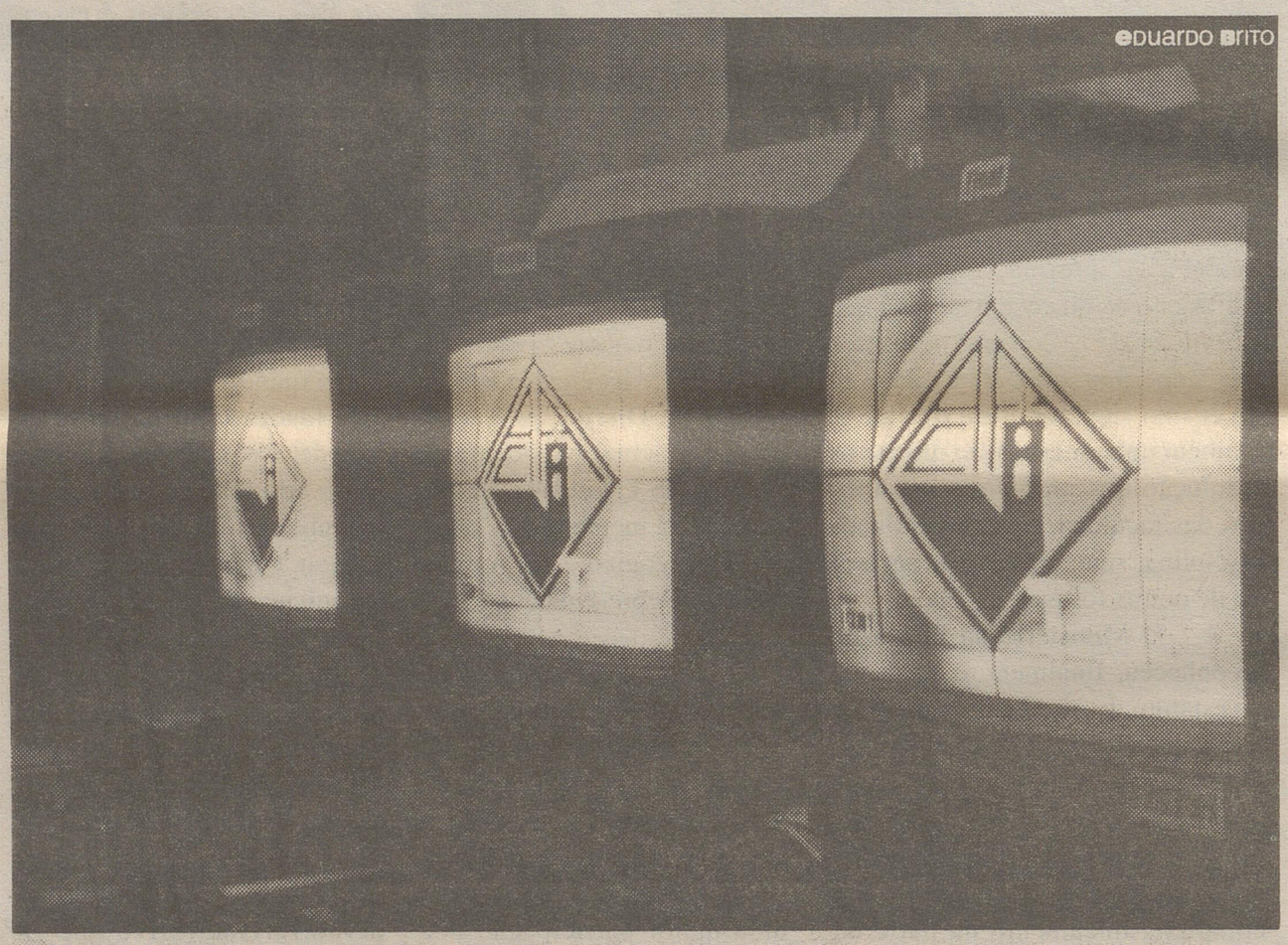
Dependentes do espaço

A ideia de uma televisão direccionada para estudantes não é nova. É de referir as experiências da Universidade da Beira Interior com a chamada TUBI, dirigida por estudantes de Ciências da Comunicação daquela instituição, e da Universidade de Aveiro. Se bem que estas televisões estejam a ser dirigidas pelos departamentos das diversas faculdades, o que em si representa as devidas diferenças com este projecto académico.

As instalações dos estúdios televisivos ainda não têm local definitivo porque dependente desta questão está a remodelação e reestruturação do próprio edifício da AAC. Um empreendimento a ser concretizado nos próximos anos.

Em fase de ponderação estão também os modelos de manutenção da programação por parte dos diversos núcleos e secções que compõem a AAC. Ao mesmo tempo, estuda–se a hipótese de lançar o canal na Internet, em formato de "streaming video", que permitirá visionar o canal em tempo real.

Helder Silva Dantas



A TV/AAC já iniciou as emissões experimentais

Um sinal de qualidade

A televisão "dos estudantes" já se encontra em fase de experimentação no edifício da AAC.

Este projecto já passou para o âmbito da prática na forma de emissões experimentais para o Bar da Associação Académica de Coimbra. De acordo com Alan Pinto, esta experiência tem duas razões fundamentais. A primeira tem a ver com aquilo "que é necessário em termos de material físico para fazermos uma boa transmissão e um bom sinal". A segunda razão tem implicações no "feedback" que os espectadores das suas emissões lhes fornecem.

Numa fase mais avançada deste processo, este elemento do Conselho Cultural espera apostar nalgum material de arquivo pertencente ao Centro de Estudos Cinematográficos. Isto porque "há muita coisa que vale a pena passar", como nos confidenciou. O conteúdo deste material, algum que data de 1981, é muito variado e engloba peças de índole cultural, social, universitário e académico. Para o futuro, idealizam–se programas de intervenção cultural e teatral, reportagens dos principais acontecimentos académicos e espaços de informação.

Há também uma aproximação a instituições extra–académicas para emprestar ou vender equipamento que possa auxiliar este empreendimento. A única condicionante, já referida nesta página, diz respeito à constituição jurídico–financeira do organismo. No entanto, Alan Pinto aposta na resolução da questão o mais rápido possível.

HSD

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Nuno Curado, Rui Justiniano **Editores:** Cecília Santos, Helder Dantas **Redacção:** Ana Laura, Andreia Gouveia, Cristina Rodrigues, Eduardo Brito, Filipe Vicente, Guilherme Oliveira, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Márcia Oliveira, Pedro Correia, Tiago Marques **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Fernando Nunes, Rosário Salvado, Tiago Maranhão **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Pedro Correia **Publicidade:** Pedro Correia: 914177842 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Secção de Xadrez da AAC.

Associações académicas reunem com Augusto Santos Silva

À mesa com o ministro

Esclarecimentos, marcar de posições, e a morte anunciada do conceito do estudante elegível foram os dados a reter desta que foi a primeira reunião das académicas com o novo ministro da educação.

As várias associações académicas do país sentaram-se pela primeira vez à mesma mesa com o actual ministro da educação, Augusto Santos Silva. Este encontro, que se dividiu por dois períodos (sexta-feira dia 10 e quarta-feira dia 15), serviu para marcar posições, aferir estratégias e na qual se ficou a saber que o conceito do estudante elegível não será aplicado num futuro próximo.

"O balanço, no global, não é muito positivo se bem que haja, aqui e ali, pontos satisfatórios." Segundo o presidente da Direcção Geral da AAC (DG/AAC), Humberto Martins, esta foi uma reunião que serviu, sobretudo, para avaliar a posição do novo ministro em relação a certas questões que as "académicas" consideram essencias no debate a manter com o Ministério da Educação. "A primeira nota de insatisfação surge quando questionamos o rumo do ensino superior e constatamos que este não existe, que é débil, que não existe uma linha condutora."

Augusto Santos Silva deixou "cair" o conceito do estudante elegível

O esclarecimento de Augusto Santos Silva em relação ao já famigerado conceito do Estudante Elegível acabou por ser o dado mais importante a retirar da reunião e um dos pontos que acabou por ir de encontro às reividicações dos estudantes. "Houve um claro assumir por parte do Ministério da Educação de que não há condições reais e actuais para a aplicação deste conceito e só num plano ideal de condições de qualidade de ensino se poderia pensar numa solução dessas". No entender de Humberto Martins, esta é uma vitória dos estudantes que sempre consideraram este conceito irreal e descontextualizado: "Não podem ser os estudantes os únicos a pagar a factura do insucesso escolar que sabemos depender muito mais de um conjunto de questões que lhes são alheias"

A Acção Social Escolar e a já antiga questão do financiamento do ensino superior foram outras dos pontos abordados na reunião. No que diz respeito à Acção Social Escolar, "houve uma certa receptividade" por parte do ministro, nomeadamente no que concerne à proposta de revisão do regulamento de bolsas apresentado pelos estudantes.

Em relação à questão do financiamento, a novidade do discurso prendeu-se com o assumir, por parte do Ministério da Educação, da partilha das responsabilidades nesta matéria com as Universidades.

Nas palavras do presidente da DG/AAC, esta acabou por ser uma reunião produtiva do ponto de vista dos estudantes: "Acabámos por condicionar o discurso do Ministério da Educação à realidade do ensino superior em Portugal". Quanto à postura do recentemente empossado ministro da educação, "mais do que palavras e promessas, são as acções que irão influenciar a nossa opinião sobre este ministro."

Sérgio Alves

PUB

Máquinas Fotográficas
Desde 490$

Óculos de sol
Desde 990$

CASH™
CONVERTERS
COMPRAMOS VENDEMOS TROCAMOS

Televisores
Desde 9 900$

COMPRAMOS NA HORA E A DINHEIRO

CD´s de música
Desde 500$

Computadores
Desde 24 900$

A melhor forma de vender
Um grande lugar para comprar

Líder mundial no comércio de artigos em segunda mão

Consolas
Desde 4 500$

Aparelhagens de HI-FI
Desde 9 900$

Fax
Desde 9 900$

Rádios
Desde 490$

Auto-rádios
Desde 1 490$

Segunda a Sábado
das 10h00 às 19h30
(excepto feriados)

Rua Dr. António José de Almeida, 36 Tel: 239 84 26 34/5 Fax: 239 84 26 36

Rumo a uma requalificação da cidade

De baixo para cima

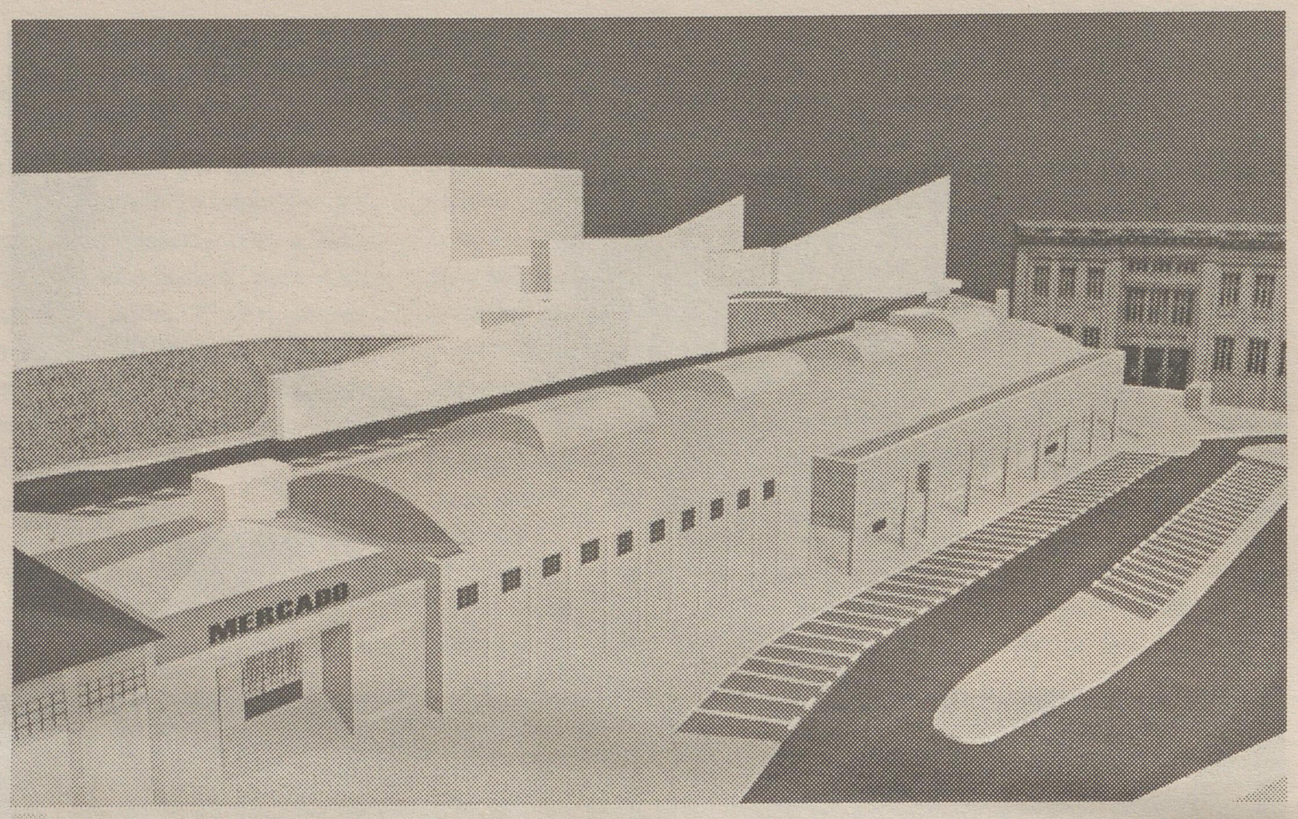
Dentro em breve será mais fácil chegar da Baixa à Alta da cidade. Do Mercado à Rua Padre António Vieira serão apenas necessários sete minutos. É esperar para ver e disfrutar...

Com uma topografia muito particular e características de difícil acessibilidade, Coimbra dispõem–se a vencer as dificuldades que advêm da sua historicidade com um conjunto de obras de reaqualificação na zona da Alta e da Baixa da cidade. O Elevador do Mercado e a remodelação do Mercado D. Pedro V são os primeiros passos de um trabalho que pretende levar Coimbra em direcção a um futuro melhor.

No contexto da execução de um Plano de Pormenor para a Alta Universitária elaborado pela Universidade de Coimbra, em colaboração com a Câmara Municipal, surgem três projectos de ligações mecânicas entre a Alta e a Baixa da cidade: o elevador do mercado, o da Associação Académica de Coimbra e o do Botânico. Estando os dois últimos ainda em estudo, e tratando–se de um projecto inovador no panorama nacional, optou–se por avançar com aquele que, a nível físico e técnico, reunia condições mais simples de execução - o elevador do Mercado.

Este projecto, orçado em cerca de 200 milhões de escudos, foi consignado a 7 de Abril e tem um prazo de execução de sete meses.

Numa "solução mista com coluna de elevador vertical seguida de elevador inclinado" , teremos a oportunidade de partir da entrada nascente do Mercado até ao edifício do arquivo municipal (elevador vertical) desembarcando na Rua Padre António Vieira (elevador inclinado). Tudo isto será possível sem derramar qualquer gota de suor, privilegiando o utente de uma bonita vista sobre a cidade de Coimbra, podendo ainda usufruir de um conjunto de infra–estruturas



O Estado vai custear a obra em 50% do seu valor

que se adivinham de carácter lúdico e cultural.

Calcula–se que, em média, o tempo de percurso rondará sete minutos na sua totalidade e, funcionando em pleno, o sistema combinado poderá transportar cerca de 720 passageiros por hora (360 em cada sentido), requalificando o quotidiano das centenas de transeuntes que diariamente realizam este trajecto.

Mercado de "roupa nova"

Na sequência de uma degradação física cada vez mais notória, o Mercado D. Pedro V revelava uma necessidade de remodelação premente. Esta remodelação tornou–se urgente no sentido de melhorar as condições oferecidas quer aos trabalhadores quer aos utentes que frequentam aquele espaço comercial.

Os equipamentos e infraestruturas desadequados traduziam–se em más condições hegiénicas e falta de segurança. Esta realidade, a par de uma deficiente racionalidade dos circuitos de compra com ligações verticais difíceis, tinham como consequência um funcionamento que se revelava deficitário e incapaz de fazer concorrência às grandes superfícies.

Funcionando como estrutura de abastecimento, a referida superfície é encarada pelo executivo camarário como instrumento de animação da actividade comercial, complemento e polarizador das actividades económicas da "Baixa". Foi neste contexto que surgiu o projecto de remodelação e requalificação do Mercado D. Pedro V por forma a articular a recente dinâmica comercial da Av. Sá da Bandeira com o grande "centro comercial" da Baixa.

Consignado a 23 de Outubro, a obra prevê custos que rondam os 1,5 milhões de contos, estando prevista a sua conclusão em Maio de 2001. O estudo aprovado tem a intenção de remodelar o mercado existente por forma a viabilizar a sua utilização num curto espaço de tempo e com custos controlados, factores que se revelaram determinantes nas opções do projecto. Este procura manter em actividade todos os operadores existentes, sendo que a manutenção dos postos de trabalho fixados durante anos no local devem ser mantidos no decorrer da construção.

O projecto foi estruturado com base em algumas premissas, consideradas pela Câmara Municipal como fundamentais. Uma delas é a manutenção do mercado do peixe, tido como bom exemplar da arquitectura do ferro, da autoria do arquitecto Silva Pinto. Esta estrutura manter–se–á, procedendo–se à sua reconversão.

Na continuação do mercado do peixe, e sensível ao alinhamento deste, vai ser formatado um novo edifício.

Tendo em conta a área circundante da estrutura na sua totalidade, vai proceder–se também à demolição do muro da Rua Nicolau Rui Fernandes. Pretende–se assim libertar toda uma área que será ordenada por forma a definir um percursso pedonal confortável e ainda dar resposta às exigências de estacionamento, que é bastante difícil no local. O percurso pedonal prioritário será desviado para junto do edifício do mercado.

Os circuitos de compra também foram tidos em conta na elaboração do projecto. A sua optimização é essencial no sentido de facilitar as ligações verticais, com a implementação de elevadores e escadas rolantes e estabelecendo ainda circuitos de nível entre a Av. Sá da Bandeira e a Rua das Figueirinhas.

Um dos maiores problemas neste processo prende–se com os lugares de estacionamento que se revelam insuficientes para responder às necessidades do mercado. No sentido de colmatar o mais possível esta deficiência está pensada a definição e lugares de estacionamento superficial nos espaços deixados livres. Como complemento será ainda construído um parque subterrâneo sob estacionamento paralelo à rua Nicolau Fernandes. Esta parte da obra prevê a disponibilização de 170 lugares de estacionamento que, no entanto, são insuficientes para responder às necessidades criadas.

As obras do Mercado d. Pedro V, que já estão a decorrer, receberam a visita do Secretário de Estado do Comércio e Serviços, Nélson Sousa. Esta visita reflectiu–se no custeamento da obra em causa por parte do governo em cerca de 50% do seu valor total.

Márcia Oliveira
Joana Flor

Eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra

Debate com os candidatos à presidência da DG/AAC

Dia 28 - 22h00

107.9 fm
RUC
rádio universidade de coimbra
www.ruc.aac.uc.pt

Entrevistas aos candidatos à presidência DG/AAC:

Dia 21 - Nuno Lobo/Lista T - 23h00
Dia 22 - Marco Aurélio/Lista B - 23h00
Dia 23 - Humberto Martins/Lista V - 23h00
Dia 27 - Debate com os cabeças de Lista para o Conselho Fiscal - 23 h00

Dia 30 - Emissão especial do escrutínio dos votos - 24h00

A crise no Médio-Oriente

Palestinianos... para além das pedras

Os contornos do conflito Israelo–Árabe não serão, porventura, alheios à maioria das pessoas. A percepção da realidade consegue, no entanto, moldar opiniões, fornecer relatos e apresentar uma visão de um conflito que não deixa ninguém indiferente.

Com a paz ainda como utopia, os palestinianos continuam a lutar por um Estado independente, não querendo viver sob as leis, sob a tutela israelita. Contudo, a vida, a resistência, a luta deste povo não se resume a "pedras atiradas por David ao gigante Golias". Através da experiência de uma jovem estudante do 4º ano de Relações Internacionais (FEUC), também membro da organização "Acção Jovem Para a Paz", Celina dos Santos, podemos obter um conhecimento mais profundo da vida deste povo, com o qual ela conviveu durante algum tempo.

Celina partiu para a Palestina a 30 de Setembro e permaneceu em Beit–Sahour até finais de Outubro. No âmbito do seminário "Limites da abordagem da não violência", ela e cerca de 20 jovens europeus (sendo ela a única portuguesa) tiveram a oportunidade de contactar directamente com o povo palestiniano e a realidade que os rodeia.

Celina descreve esta experiência a três níveis: a nível pessoal - aprendeu a olhar as coisas simples da vida de uma forma diferente, a ser mais solidária; como dirigente associativa - reforçou a motivação para trabalhar; por último, como aluna de Relações Internacionais - reforçou o gosto pela área "Cooperação e Desenvolvimento". Apercebeu–se do "terceiro–mundismo" da cultura portuguesa. Afinal a diferença de valores não é tão grande como se julga...

Jerusálem, uma cidade dividida

Contacto com uma realidade

Nesta passagem pela Palestina, várias coisas a surpreenderam. Acima de tudo, o efeito curativo do bom–humor dos palestiniainos, ao ponto de um colega (palestiniano) ter de dormir na cozinha para não ser atingido por uma bala e fazer disso uma "festa", pois poderia acabar a comida que estava no frigorífico. Chocou-a descobrir que três anos de serviço militar obrigatório fazem uma lavagem cerebral tão grande que o soldado não tem problemas em dizer que "tem de matar crianças porque elas são perigosas..."

Assistir ao funeral de um mártir (vítima dos confrontos), e a toda a cerimónia religiosa envolvente, foi outro dos momentos emocionantes vividos pela estudante de Relações Internacionais, um momento solene em que o mártir é transportado numa maca coberto por uma bandeira palestiniana. Refere ainda um contraste extremamente interessante: "é impressionante analisar a forma como este povo defende os seus interesses, usando de extrema violência, e o modo como expressam a sua fé, em momentos profundos de oração, nos quais cerca de duas, três mil pessoas expressam a sua dor e esperança. É algo único..."

Lamenta o facto de, em Jerusalém, ao tentarem entrar no Muro das Lamentações, terem interditado a entrada a dois dos colegas que faziam parte do grupo, pois eram palestinianos. O cenário repetiu–se na visita à mesquita de Al–aqsa: "Fomos todos solidários com dois jovens, preferimos não entrar". Esta estadia envolveu também algumas situações de perigo. Uma delas teve lugar logo à chegada ao território: um confronto de rua no qual algumas pessoas foram atingidas por balas na cabeça. Celina foi "vítima" de uma bomba de gás e achou curioso o facto de uma criança ir ter com ela para a ajudar: "Uma criança veio ter comigo, ofereceu–me uma cebola e disse : toma, cheira que corta o efeito do gás".

Celina relata um dos dias em que saiu para fazer compras: "Saí para comprar umas sandálias, estava numa das lojas quando de repente se gera um confronto e cai uma espécie de morteiro perto de mim, vejo feridos a passar à minha frente, as pessoas, os comerciantes continuam as suas vidas...". Acaba por ter de permanecer cerca de 15 minutos dentro da loja saindo depois a correr para o local onde se encontrava alojada. As situações de confronto não impedem as actividades diárias: as crianças vão à escola e organizam–se depois para os confrontos. Uma situação caricata foi o facto de uma criança chegar a bater no pai, no meio da rua, para se manter no confronto, conseguindo lá ficar durante algum tempo. Contudo, na opinião de Celina, os palestinianos não são tão violentos como os média sugerem. "Eles procuram apenas a sua dignidade através da "resistência pacífica. Este povo é oprimido 24 horas por dia, luta pelos direitos humanos, pela sua indepedência." Um dos palestinianos chega a comentar que "isto só tem uma solução possível: primeiro, os israelitas têm de ler e cumprir as resoluções das Nações Unidas; depois, retirar os colonatos para os refugiados os poderem ocupar e Jerusalém, dividida ou não, terá de ser a capital palestiniana". Para além do bom–humor, os palestinianos extravasam a sua dor, o seu sofrimento, através da música. Esta fala sobretudo acerca de dois temas essenciais: a guerra e o amor, mas também dos mártires, da dor, separação, dignidade, esperança, resistência...

Conflito no centro do mundo

A verdade é que o conflito israelo–palestiniano está ainda longe de ser resolvido. Ao ser questionado, numa conferência na Palestina, sobre uma solução possível para o conflito, um dos membros da OLP responde simplesmente: "As nossas opções podem ir da violência extrema ao extremo pacifismo. Já tentámos as duas. Se tiverem outra solução, digam" (dirigindo–se à plateia).

Para além das inúmeras razões que impedem a paz, há determinados factores estruturais que fazem daquela zona uma zona endémica de conflito, factores relacionados com a sua geografia física - é uma área de passagem obrigatória para as várias potências do mundo, sendo também uma zona abundante em recursos petrolíferos, mas com uma terrível escassez em recursos hídricos; factores ligados à sua geografia humana - é uma zona que reúne diferentes etnias, é o berço das três religiões monoteístas; e ainda factores relacionados com a geografia política - existem muitos Estados com aspirações a potências hegemónicas. Para além disso, Israel aparece como potência em relação aos estados árabes, com um potencial técnico notavelmente superior, desfrutando ainda do silêncio dos "polícias do mundo". Na conferência referida anteriormente, com membros da OLP, é também comentado o poder militar e a soberania de Israel: "Sharon tem de entrar na mesquita de Al–aqsa com 300 soldados; qual é aqui o significado de vir como amigo?! Só mostra que Israel falhou, prova que não tem soberania sobre o povo, sobre a terra, porque se fossem soberanos não precisariam de 300 soldados; só fica provado o poder militar de Israel".

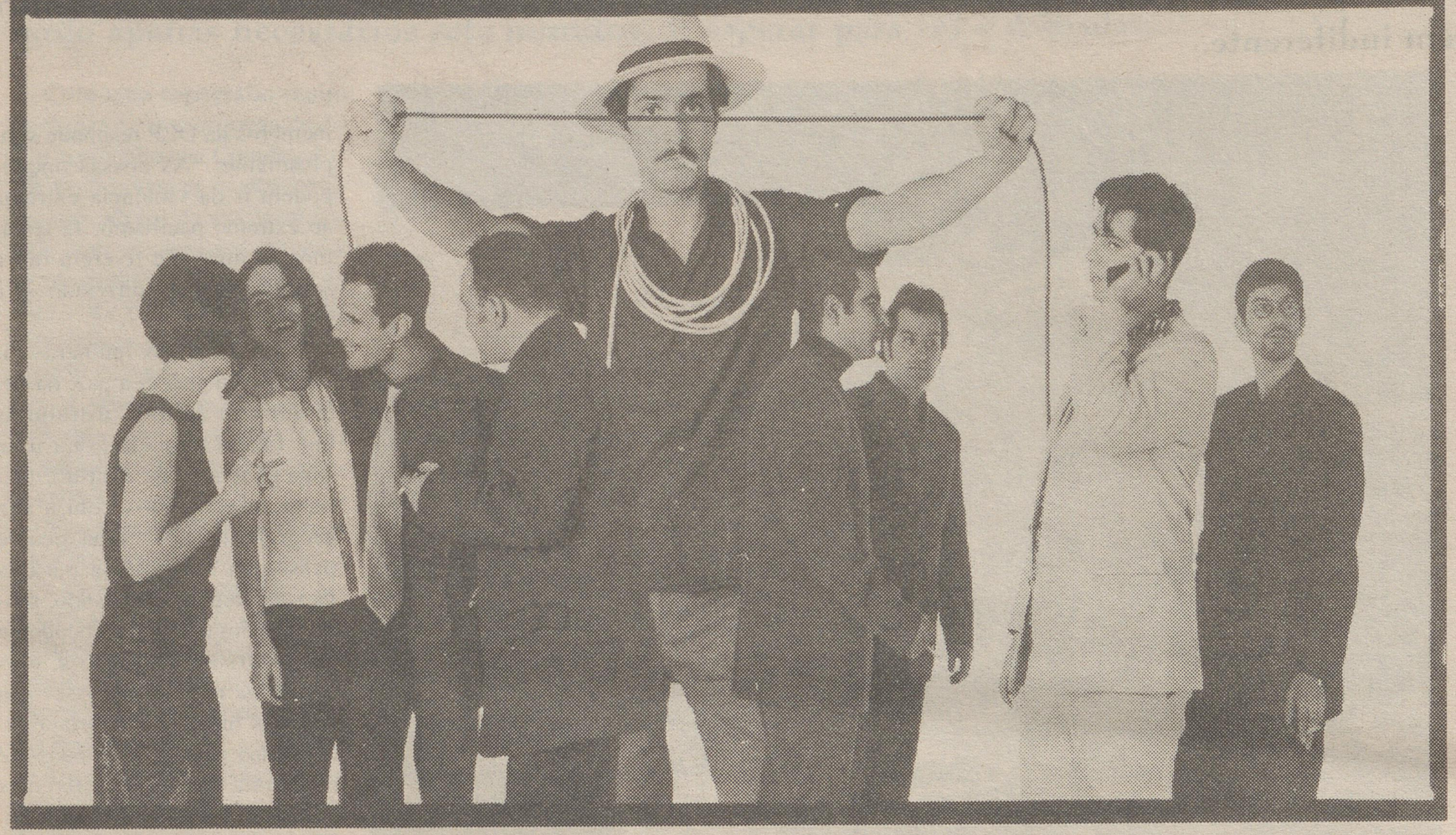
Coloca–se ainda a questão da inexistência de uma solução militar possível para este conflito. As Nações Unidas não conseguem actuar neste processo, nenhuma força apadrinhada pelos EUA actuou contra Israel (não sendo isto sinónimo de solução), apesar de, à luz do Direito Internacional, ser completamente ilegal a anexação dos territórios por parte de Israel. A verdade é que o factor religioso continua a encobrir muitos interesses... Devem, sim, resolver–se questões de soberania, repeitando as questões religiosas. Tal como se conclui numa sequência de imagens históricas acerca de cenários de guerra, "Israel has the power, Palestinians have the will".

Sílvia Matos

Acabados de lançar "La Toilette des Étoiles"

Estrelas que brilham mais

A "casa de banho das estrelas" é um luxo requintado, o perfume suave e as tonalidades claras apresentam um brilho incandescente de um espelho acabado de limpar.



De regresso ao Hotel, os Belle Chase apresentam o novo trabalho no TAGV

Depois do aclamado "Fossanova", os Belle Chase Hotel saem de uma garagem nos arredores de Coimbra para concertos por todo o país e aterram em Paço D'arcos para gravar "La Toilette des Étoiles", com Joe Gore. Disco gravado e férias merecidas, onde ensaiam novos temas, versões e interpretam "Donzela Diesel" para o tributo a Rui Veloso "Ar De Rock - 20 anos depois". Sem grandes expectativas e com a noção de dever cumprido, o projecto musical mais conceituado da nossa Lusa Atenas regressa em força e fala com A CABRA.

Como é que descreves os primeiros anos de vida dos Belle Chase Hotel?

Pedro Renato: Por estranho que pareça eu não pertenço à formação inicial, os então "Zorg", onde já ensaiavam J.P.Simões e Antoine Pimentel. Eu fui convidado em Agosto de 95, tal como o João Baptista e com as minhas megalomanias fui convidando músicos e mais músicos (a Filipa, os vários teclistas até chegar ao Luis Pedro, o Sérgio, o Marco, a Raquel e mais alguns pelo meio). O percurso a partir daí foi bastante normal e saudável, o maravilhoso roteiro dos bares, do Luso a Praia de Mira, de Condeixa ao Santa Cruz, Mostras de Música Moderna como a da Pampilhosa... A primeira maqueta surge lá para o fim de 95, início de 96, e pelos tempos ficaram temas como "Spirit Of The Blues" ou "Towards The Sun", que nunca mais foram lançados em disco.

No início ainda estávamos a tentar ver com que corrente musical é que nos identificávamos, a tentar arranjar soluções de compromisso entre todos os elementos. Em 1998 surge uma maqueta com versões quase definitivas de alguns temas que iriam integrar o "Fossanova". Na altura não havia dinheiro para gravar discos, se bem que hoje em dia também não há muito.

Como é que foi a gravação do último "La Toillete des Étoiles", comparativamente ao "Fossanova"?

PR: Na gravação do "Fossanova", houve uma pressão enorme, a Lux era uma editora com meios muito escassos e ainda não se conhecia a possibilidade do disco sair pela NorteSul. Nós eramos 9 elementos e precisávamos de umas mil e horas de estúdio e tivéemos que gravar tudo em cerca de cento e oitenta, durante quase um ano, com pausas pelo meio.

Este último foi um àlbum preparado com muito pouco tempo, houve muitos concertos pelo meio e acabou por ser basicamente feito em estúdio, num mês. Desde o processo de composição até aos arranjos, o J.P. estava a escrever letras ao mesmo tempo que gravava as vozes, curiosamente também aqui houve muita pressão.

J.P. Simões: O processo de composição das letras teve, naturalmente alguns pontos em comum, nem que seja eu, a identidade orgânica. A diferença passou também pelo facto de o primeiro àlbum ser muito mais um escrutínio de relações íntimas vividas, transformando–as em histórias, enquanto este teve uma visão bem mais afastada e crítica relativamente aos personagens e às narrativas, que foram mais depuradas. Desde o tempo que tivemos para fazer o disco (que foi pouco) até aos métodos de trabalho (e falta deles), passando pelo resultado, acabou por ser um processo mais faseado e não houve aquela explosão de "composição desenfreada" que caracterizou "Fossanova".

Satisfeitos com "La Toilette des Étoiles"?

JPS: Muito, com o trabalho, com toda a gente, com o produtor, mas enfim, eu não tenho uma distância suficiente para fazer uma apreciação crítica. Sou muito suspeito para dizer se o disco é bom ou mau, acho que há um sentido de continuidade relativamente às formas utilizadas, às narrativas e ao tom trágico–cómico que nos vêm caracterizando desde o "Fossanova", embora num trabalho mais depurado, com menos instrumentos em cada música, menos ostensivamente barroco, melhor produzido e mais simplificado, não sendo necessariamente mais simples, porque não o é.

O primeiro single "São Paulo 451" é cantado em português com sotaque brasileiro e foi censurado na Antena 1, Rádio Renascença e RFM e preterido na Comercial em relação a "Donzela Diesel"...

Luis Pedro Madeira: O tema era, no início, um bolero romântico, composto para experimentar o material novo que tinha lá em casa. Pegámos na ideia e, com a banda toda, o tema ganhou outra volta. O J.P. fez aquela letra que estava, pelo menos, bastante distante do que eu podia ter imaginado para a música.

A censura do tema não é nada que me espante, é normal que isso aconteça, acontece há anos neste país. Passam as coisas mais ordinárias e essas sim violentas, mas em inglês, e quando vem alguém neste português brasileiro dizer "merda de pombo" fica logo tudo muito espantado e exclamam "Não pode ser! Não se pode passar uma coisa com um palavrão desses..." Neste país, infelizmente, é normal.

Consta–se que o concerto de apresentação (em Coimbra) poderá ter surpresas. O que é que podemos esperar?

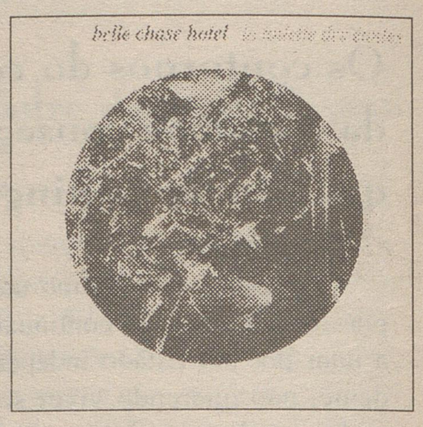
PR: Estamos a trabalhar na preparação de um concerto especial que contará com uma secção de cordas e outra de metais.

Pretendemos apresentar na íntegra o novo disco e tocar versões alternativas de temas do "Fossanova"

Para além disso, ainda contamos fazer algumas versões como a do "I Love You, But I Don't Need You", que estamos a pensar gravar.

Hugo Ferreira

Entrevista realizada no "Estetoscópio" RUC (107.9 fm) Quarta-feira,00h00



O regresso dos Belle Chase Hotel é um compêndio de grandes composições. É, provavelmente, o longa-duração que eles sempre quiseram gravar e dissipa todas as dúvidas que normalmente se colocam num segundo trabalho de uma banda.

Não há aqui temas fáceis e simples como "Sunset Boulevard" ou "Emotion & Style", mas "La Toilette des Étoiles" é um dos melhores cd's que ouvi nos últimos tempos.

Do produtor Joe Gore já se conheciam os créditos ao lado de nomes como P.J. Harvey, Tom Waits, Oranj Symphonette e Tipsy.

Entre o épico e o conceptual, estamos perante um álbum que se afirma como um todo. É dificil escolher faixas num disco que se escuta freneticamente do início ao fim, como uma manta de retalhos arquitectada por um Woody Allen.

O swing de "Not Searching for the real thing" milita ao lado da melancolia de "Mirago" ou "Nimaroi"(inspirado num conto de Mia Couto), numa viagem que começa com um tango e passa pelo rock apoteótico de "Paganini's Fire", atingindo o seu ponto máximo em "The Perfume of the Stars". Seria injusto não referir a maior participação de Raquel nas vozes e na composição e o imaginário de Ennio Morricone ou dos Mr Bungle em "Light Movie", tal como a cinematográfica "Star Patrol" que ilustra "Respirar (Debaixo de Àgua)" de António Ferreira.

Os 44 minutos sabem a pouco e algumas opções de produção ou de grafismo podem ser discutíveis num trabalho de músicas adultas e letras muito acima de qualquer expectativa (oiça–se "Shimmering Dimmering Colored Dingaling") provam que as estrelas iluminam o caminho dos bem aventurados.

O concerto de apresentação de "La Toilette des Étoiles" está marcado para o dia 29 de Novembro, a partir das 21.45 no Teatro Académico de Gil Vicente e os bilhetes variam entre os 1000$00 para estudante e os 1500$00 para não estudante.

10 anos
8 presidentes

Com as eleições à porta, A CABRA faz uma retrospectiva dos últimos dez anos da presidência da Associação Académica de Coimbra. Quem foram os presidentes da Direcção Geral, o que marcou os seus mandatos e o que mais se destaca do seu legado.

Muita coisa mudou nos últimos dez anos. Contudo, existem temáticas que perpassam a última década da vida da Associação Académica de Coimbra. Retornando inevitavelmente às diversas Leis de Financiamento do Ensino Superior, encontrámos ainda outras preocupações comuns, como a pedagogia e a acção social.

Sem nunca esquecer que uma Direcção Geral é, acima de tudo, uma equipa, aqui fica uma crónica histórica de quem se sentou na cadeira da sala da presidência nos últimos dez anos.

Fernando Alberto Guerra
1991/92
Medicina Dentária

"Estamos a pensar na possibilidade de apresentar um Relatório e Contas"

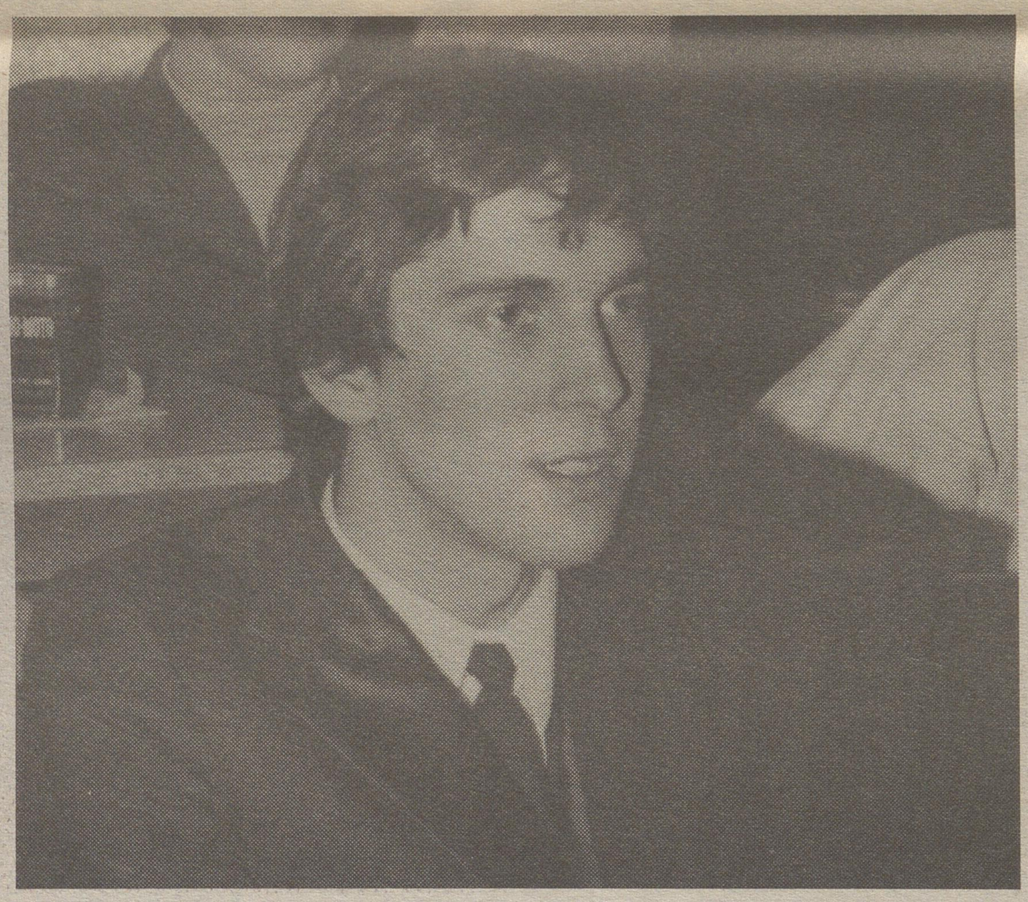
No seu discurso proferido na Abertura Solene do ano lectivo 91/92 Beto Guerra referia–se à precária situação orçamental da Universidade de Coimbra, que nesse ano tinha levado ao início tardio das aulas em algumas faculdades, e exclamava: "Isto tem de acabar! O governo tem de assumir as suas responsabilidades!". Começava a contestação ao aumento das propinas e ao então Ministro da Educação Diamantino Durão.

Tiago Magalhães
1994/95
Bioquímica

"Espero que sigam os nossos passos naquilo q

A luta começou a esmorecer. Tiago Magalhães, r
reconhecia-o em entrevista a A CABRA: "Nenhuma
tanta contestação como esta, pelo menos tão prolong
um certo cansaço, as lutas de maratona são difíceis d

Apesar deste plano mais negativo, Tiago Magalhã
cia ao trabalho que, "sendo de estrutura não se vê à
nará uma maior coesão interna de todos os organismo
ciação Académica de Coimbra", como a criação do C
estabelecimento das bases para o Conselho Cultural.



Emídio Guerreiro
1990/91
Psicologia

"Somos um sindicato"

Na sua entrevista de final de mandato ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, em Janeiro de 1991, logo se percebe que existem temáticas que nunca abandonaram a retórica estudantil. Mediante a publicação do livro "Universidade de Coimbra, como estás de pedagogia?", que nunca chegou a ver a luz do dia, pretendia–se divulgar os problemas de então. Um dos exemplos destas deficiências era a já latente falta de espaço nas aulas na Faculdade de Direito (FDUC), "no dia em que a FDUC tiver um anfiteatro para 500 pessoas, os problemas vão ser mais graves do que são agora (...) é fundamental diminuir o número de alunos por turma".

O roubo da máquina registadora da Cantina A foi a resposta ao aumento do preço das refeições.

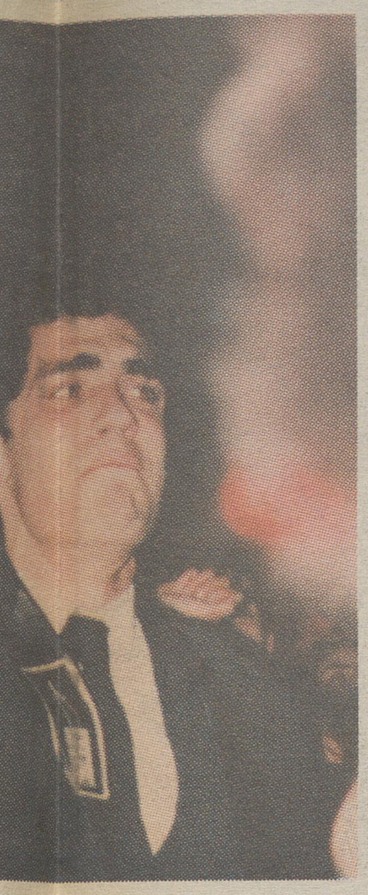
Em relação ao futuro e às suas ambições políticas, Emídio Guerreiro afirmava que não eram por aí além: "não as tenho, não fazem parte do meu feitio". No entanto foi candidato à Câmara Municipal de Guimarães pelo Partido Social Democrata, nas Autárquicas de 1993.

António Vigário
1992/93 - 1993/94
Direito

"Não é fazer barulho por fazer barulho"

A contestação às propinas estava no seu auge. A Lei 20/92 obrigava os estudantes a sair à rua dando início a um processo de luta que se arrastaria por vários anos. Não se punha ainda a questão do boicote ao pagamento das propinas, pois num acto de solidariedade para com os estudantes o então Reitor Rui de Alarcão nunca chegou a regulamentar processo de pagamento. António Vigário afirmava na altura a respeito deste problema que se conseguiu "uma cobertura da comunicação social como nunca houve".

No que concerne às restantes actividades da DG/AAC, o seu então presidente confessava que as propinas foram uma condicionante na sua actuação, porque "não é facilmente que se mobilizam três mil estudantes para irem em dois comboios para Lisboa, ou dois mil estudantes para duas magnas". A dívida da AAC era de 48 mil contos, mas segundo António Vigário tinha já sido reduzida em 10 mil contos, durante o seu primeiro mandato.



uilo que fizemos de bom"

hães, no final do seu mandato, enhuma lei em Portugal sofreu prolongadamente. Daí que haja íceis de muita gente seguir".
agalhães acaba por dar evidên- e vê à partida e que proporcio- anismos que compõem a Asso- ão do Conselho Desportivo e o ultural.

António Silva
1997- 1998
Organização e gestão de empresas

"Ó pessoal! Ó pessoal!"

António Silva foi o último presidente a ser eleito em Março, uma vez que as eleições começaram a ser realizadas em Novembro.

Em entrevista no início do seu primeiro mandato, António Silva afirmava que naquele momento queria "discutir a Lei de Financiamento no geral, (...) das propinas nem sequer se devia estar a falar". Mas algum tempo depois da sua tomada de posse o Governo anunciava que iria instaurar uma propina única indexada ao salário mínimo, depois de ter vindo a negá–lo dizendo que só o faria depois de efectuada uma reforma fiscal. Surgem então, no seu segundo mandato, os boicotes, as manifestações em Lisboa e em Coimbra e as greves.

Humberto Martins
2000
Farmácia

"Ficou muito por fazer"

O Conselho Cultural que havia sido delineado por Tiago Magalhães começou agora a funcionar.

Depois de um acampamento frustrado e de uma manifestação de novo com pouca adesão deixou de se falar nas eternas propinas, embora elas tenham continuado a ser pagas. O Ministro da Educação "deixou cair" o conceito de estudante elegível.Os estudantes passaram a ter uma lista de quartos aprovados em termos de condições de habitabilidade através de um certificado emitido pela Direcção Geral.

Decide recandidatar–se a um segundo mandato.

Zita Henriques
1995/96 - 1996/1997
Engenharia Química

"Concluí rapidamente que as promessas leva–as o vento"

Nas eleições legislativas de 1995 o Partido Socialista subiu o poder e suspendeu as tão contestadas leis 20/92 e 5/94. Este acto pareceu trazer pacificação à comunidade universitária. A princípio gerou–se uma grande expectativa relativamente a Marçal Grilo, novo Ministro da Educação, que contudo não se manteve. Zita Henriques veio mesmo a afirmar no seu discurso de tomada de posse do seu segundo mandato:"Aquilo que parece engendrar–se é uma repetição da encenação política do Governo anterior, visando novas formas de ocultar e permitir a desresponsabilização do Estado nos custos do Ensino Superior."

Da revisão dos estatutos da AAC surgiram os polémicos Núcleos de Estudantes, órgãos de ligação da Associação às Faculdades.

Hugo Capote
1999
Medicina

"A guerra não está perdida!"

Apesar de toda a contestação a lei do financiamento continuou a ser aplicada. A luta volta a esmorecer e a manifestação em Lisboa no final de 1998 tem fraquíssima adesão. O conceito do "estudante elegível" começa tomar forma, ameaçando fazer com que centenas de estudantes se vissem impedidos de concluir os seus cursos.

Depois de ter vencido sete adversários num processo eleitoral bastante agitado, a DG presidida por Hugo Capote sofre um profundo revés, uma vez que três meses depois de ter tomado posse seis pessoas da sua equipa se demitem: "A DG não foi prejudicada pela saída em si mas pela novela que se criou à sua volta, tivemos azar". Chegaram a ser feitos inquéritos pedagógicos mas nunca foi elaborado o "Livro Negro da Pedagogia". A cadeira de Didáctica da Física levou os estudantes à televisão encapuçados por medo de sofrer represálias.

O que mais acabou por marcar o seu mandato foi o anúncio da sua não recandidatura, feito cinco minutos antes de acabar o prazo para entrega das listas.

Textos de
Bruno Ferreira
Cecilia Santos

Fotos de Arquivo

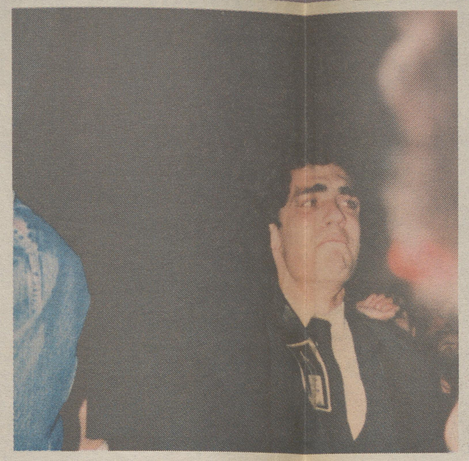
Muita coisa mudou nos últimos dez anos. Contudo, existem temáticas que perpassam a última década da vida da Associação Académica de Coimbra. Retornando inevitavelmente às diversas Leis de Financiamento do Ensino Superior, encontrámos ainda outras preocupações comuns, como a pedagogia e a acção social.

Sem nunca esquecer que uma Direcção Geral é, acima de tudo, uma equipa, aqui fica uma crónica histórica de quem se sentou na cadeira da sala da presidência nos últimos dez anos.

Fernando Alberto Guerra
1991/92
Medicina Dentária

"Estamos a pensar na possibilidade de apresentar um Relatório e Contas"

No seu discurso proferido na Abertura Solene do ano lectivo 91/92 Beto Guerra referia–se à precária situação orçamental da Universidade de Coimbra, que nesse ano tinha levado ao início tardio das aulas em algumas faculdades, e exclamava: "Isto tem de acabar! O governo tem de assumir as suas responsabilidades!". Começava a contestação ao aumento das propinas e ao então Ministro da Educação Diamantino Durão.



Tiago Magalhães
1994/95
Bioquímica

"Espero que sigam os nossos passos naquilo que fizemos de bom"

A luta começou a esmorecer. Tiago Magalhães, no final do seu mandato, reconhecia-o em entrevista a A CABRA: "Nenhuma lei em Portugal sofreu tanta contestação como esta, pelo menos tão prolongadamente. Daí que haja um certo cansaço, as lutas de maratona são difíceis de muita gente seguir".

Apesar deste plano mais negativo, Tiago Magalhães acaba por dar evidência ao trabalho que, "sendo de estrutura não se vê à partida e que proporcionará uma maior coesão interna de todos os organismos que compõem a Associação Académica de Coimbra", como a criação do Conselho Desportivo e o estabelecimento das bases para o Conselho Cultural.

António Silva
1997- 1998
Organização e gestão de empresas

"Ó pessoal! Ó pessoal!"

António Silva foi o último presidente a ser eleito em Março, uma vez que as eleições começaram a ser realizadas em Novembro.

Em entrevista no início do seu primeiro mandato, António Silva afirmava que naquele momento queria "discutir a Lei de Financiamento no geral, (...) das propinas nem sequer se devia estar a falar". Mas algum tempo depois da sua tomada de posse o Governo anunciava que iria instaurar uma propina única indexada ao salário mínimo, depois de ter vindo a negá–lo dizendo que só o faria depois de efectuada uma reforma fiscal. Surgem então, no seu segundo mandato, os boicotes, as manifestações em Lisboa e em Coimbra e as greves.

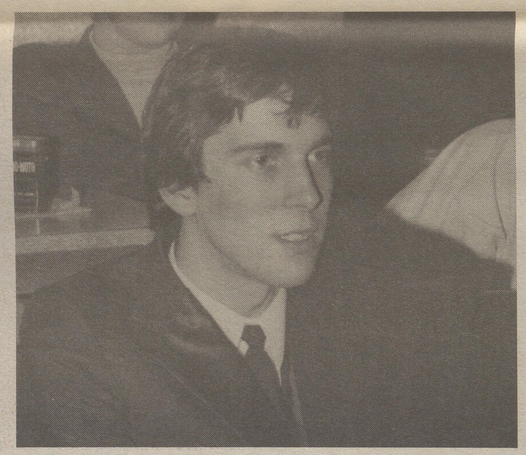
Humberto Martins
2000
Farmácia

"Ficou muito por fazer"

O Conselho Cultural que havia sido delineado por Tiago Magalhães começou agora a funcionar.

Depois de um acampamento frustrado e de uma manifestação de novo com pouca adesão deixou de se falar nas eternas propinas, embora elas tenham continuado a ser pagas. O Ministro da Educação "deixou cair" o conceito de estudante elegível.Os estudantes passaram a ter uma lista de quartos aprovados em termos de condições de habitabilidade através de um certificado emitido pela Direcção Geral.

Decide recandidatar–se a um segundo mandato.



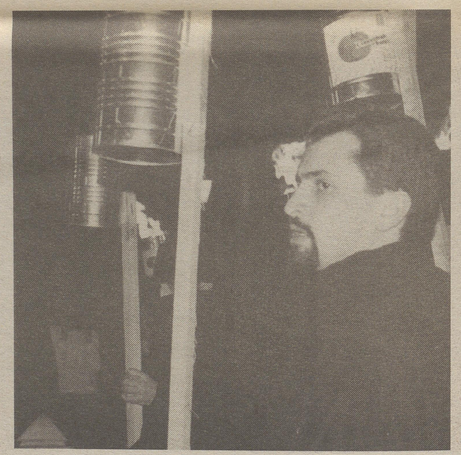
Emídio Guerreiro
1990/91
Psicologia

"Somos um sindicato"

Na sua entrevista de final de mandato ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, em Janeiro de 1991, logo se percebe que existem temáticas que nunca abandonaram a retórica estudantil. Mediante a publicação do livro "Universidade de Coimbra, como estás de pedagogia?", que nunca chegou a ver a luz do dia, pretendia–se divulgar os problemas de então. Um dos exemplos destas deficiências era a já latente falta de espaço nas aulas na Faculdade de Direito (FDUC), "no dia em que a FDUC tiver um anfiteatro para 500 pessoas, os problemas vão ser mais graves do que são agora (...) é fundamental diminuir o número de alunos por turma".

O roubo da máquina registadora da Cantina A foi a resposta ao aumento do preço das refeições.

Em relação ao futuro e às suas ambições políticas, Emídio Guerreiro afirmava que não eram por aí além: "não as tenho, não fazem parte do meu feitio". No entanto foi candidato à Câmara Municipal de Guimarães pelo Partido Social Democrata, nas Autárquicas de 1993.



António Vigário
1992/93 - 1993/94
Direito

"Não é fazer barulho por fazer barulho"

A contestação às propinas estava no seu auge. A Lei 20/92 obrigava os estudantes a sair à rua dando início a um processo de luta que se arrastaria por vários anos. Não se punha ainda a questão do boicote ao pagamento das propinas, pois num acto de solidariedade para com os estudantes o então Reitor Rui de Alarcão nunca chegou a regulamentar processo de pagamento. António Vigário afirmava na altura a respeito deste problema que se conseguiu "uma cobertura da comunicação social como nunca houve".

No que concerne às restantes actividades da DG/AAC, o seu então presidente confessava que as propinas foram uma condicionante na sua actuação, porque "não é facilmente que se mobilizam três mil estudantes para irem em dois comboios para Lisboa, ou dois mil estudantes para duas magnas". A dívida da AAC era de 48 mil contos, mas segundo António Vigário tinha já sido reduzida em 10 mil contos, durante o seu primeiro mandato.

Zita Henriques
1995/96 - 1996/1997
Engenharia Química

"Concluí rapidamente que as promessas leva–as o vento"

Nas eleições legislativas de 1995 o Partido Socialista subiu ao poder e suspendeu as tão contestadas leis 20/92 e 5/94. Este acto pareceu trazer pacificação à comunidade universitária. A princípio gerou–se uma grande expectativa relativamente a Marçal Grilo, novo Ministro da Educação, que contudo não se manteve. Zita Henriques veio mesmo a afirmar no seu discurso de tomada de posse do seu segundo mandato:"Aquilo que parece engendrar–se é uma repetição da encenação política do Governo anterior, visando novas formas de ocultar e permitir a desresponsabilização do Estado nos custos do Ensino Superior."

Da revisão dos estatutos da AAC surgiram os polémicos Núcleos de Estudantes, órgãos de ligação da Associação às Faculdades.

Hugo Capote
1999
Medicina

"A guerra não está perdida!"

Apesar de toda a contestação a lei do financiamento continuou a ser aplicada. A luta volta a esmorecer e a manifestação em Lisboa no final de 1998 tem fraquíssima adesão. O conceito do "estudante elegível" começa tomar forma, ameaçando fazer com que centenas de estudantes se vissem impedidos de concluir os seus cursos.

Depois de ter vencido sete adversários num processo eleitoral bastante agitado, a DG presidida por Hugo Capote sofre um profundo revés, uma vez que três meses depois de ter tomado posse seis pessoas da sua equipa se demitem: "A DG não foi prejudicada pela saída em si mas pela novela que se criou à sua volta, tivemos azar". Chegaram a ser feitos inquéritos pedagógicos mas nunca foi elaborado o "Livro Negro da Pedagogia". A cadeira de Didáctica da Física levou os estudantes à televisão encapuçados por medo de sofrer represálias.

O que mais acabou por marcar o seu mandato foi o anúncio da sua não recandidatura, feito cinco minutos antes de acabar o prazo para entrega das listas.

Textos de
Bruno Ferreira
Cecilia Santos

Fotos de Arquivo

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA D

Ballet Russo e magia marcam presença em Coimbra

A temporada da inovação

Um "atelier" de Ballet e a gravação de um programa de Luís de Matos marcam uma nova viragem nas actividades do TAGV.

Um dos principais pólos dinamizadores da cultura em Coimbra, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), lançou–se num novo desafio. Para além de alguns grandes eventos já programados para a temporada de 2000/2001, este espaço adopta uma nova vertente na sua agenda. Um protocolo com o Ballet Nacional Russo (BNR), no sentido de inaugurar um "atelier" de bailado clássico em Coimbra, assinala assim um novo rumo.

O director deste espaço teatral, Abílio Hernandez, juntamente com o director do BNR, Sergey Radchenko, assinaram o protocolo no dia 26 do mês passado. O "atelier" de bailado clássico integrará os vários níveis de ensino (iniciados a grau profissional) e terá a duração de 9 meses, funcionando dentro do ano lectivo escolar. O acordo, com a validade de cinco anos, contempla a hipotese de estabelecer uma ligação com as escolas interessadas, integrando o curso nos seus planos curriculares. Quanto ao espaço das aulas, o TAGV disponibiliza a sala dos espelhos, a qual terá necessidade de ser aumentada a médio ou a longo prazo. Para este projecto, "que é uma gota de água" naquilo que se pretende de futuro para esta instituição, o director conta com o apoio financeiro da Universidade.

Prevê–se que as aulas já possam começar dentro das próximas semanas, apesar do facto de as professoras responsáveis pelo ensino dos formandos terem sido retidas devido a um problema com os seus vistos.

Ballet Clássico com palco em Coimbra

Novas apostas

A iniciativa partiu do TAGV que, através do professor de russo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vladimir Pliassov, estabeleceu os primeiros contactos com a companhia russa. A ideia surgiu para colmatar a falta de uma escola com maiores perspectivas do que somente a iniciação. Segundo Abílio Hernandez, "se alguém em Coimbra quer avançar pelo mundo da dança, tem de sair", embora o ballet tenha alguma expressão na cidade. Sobre a possibilidade de se formar uma companhia local de Ballet num futuro a média prazo, o próprio é peremptório: "Aí já não compete ao Teatro. A cidade agora é que tem de responder a isso"

Este "atelier" já foi administrada em cidades como Nova Iorque, Buenos Aires e Tóquio, entre outras, graças ao prestígio que o Ballet Nacional Russo granjeou ao longo dos anos. Em relação à versão local do "atelier", esta companhia de bailado clássico vai–se comprometer com a vertente pedagógica e artística, enquanto que o TAGV terá nas suas mãos as restantes responsabilidades logísticas e organizativas.

A avaliação dos formandos será feita através de um exercício final, na qual estarão presentes os professores, bem como um elemento da direcção do BNR. Para a temporada do próximo ano, o curso contará com a presença da directora artística desta companhia russa, Elena Radchenko.

Para miúdos e graúdos

Previsto nesta nova temporada está uma programação que contempla várias iniciativas de grande destaque. Uma novidade especial será as filmagens de uma série de programas televisivos de magia em que Luís de Matos será a cara e o dinamizador de uma produção para a RTP. A gravação dos seus programas implica a limitação do programa de espectáculos previstos para o mês de Fevereiro.

Em Janeiro, a Companhia Bonifrates pretende levar à cena uma peça baseada na obra "O *Principezinho*" de Saint–Exupery. Um projecto que será dirigida por João Maria André e que terá um trabalho coordenado com as escolas.

Também com um espectáculo para crianças, além do programa habitual, a Companhia Nacional de Bailado será cabeça de cartaz para as comemorações do Dia Mundial da Dança (29 de Abril). Ainda antes, nos primeiros dias de Fevereiro, a Companhia de Bailado da Gulbenkian fará uma "escala" em Coimbra. Para os melómanos incondicionais, Abílio Hernandez conta com a presença de grandes nomes no Festival Internacional de Música, entre os quais se espera a pianista Maria João Pires.

Helder Silva Dantas
Emanuel Graça

Espaço de variedade

A um ano de completar o seu quadragésimo aniversário, o TAGV procura maximizar as suas capacidades.

Um dos eternos problemas desta sala de espectáculos prende–se com a falta de espaço, uma vez que faz parte do conjunto que é a Associação Académica de Coimbra. Esta problemática questão reflecte–se também na falta de um armazém para guardar cenários. O director do TAGV relça que "muitas vezes temos de os destruir passados um ou dois meses, o que é um perfeito disparate".

Desde a temporada passada, o TAGV conta com um subsídio de 15 mil contos anuais do Ministério da Cultura, que lhe atribuiu o estatuto de "estrutura convencionada". Em 2000, o TAGV começou a contar com um apoio de 10 mil contos da Câmara Municipal de Coimbra. No entanto, Abílio Hernandez salienta a " falta de sensibilização das entidades privadas" em termos de mecenato e patrocínio das suas actividades.

Em Setembro do próximo ano, o TAGV comemorará os seus 40 anos de existência e, nas palavras do seu actual director: "Este teatro sempre trabalhou para a cidade, não trabalhou só para a Universidade". Se bem que os jovens representam o grosso do público que frequenta este espaço dado a sua abertura a novas experiências.

O fio condutor da programação de espectáculos assenta numa progressiva "pluridisciplinariedade", com o intuito de agradar "a gregos e a troianos". Fruto desta política cultural é facto de que, pela primeira vez, ultrapassou–se a barreira dos 50 mil espectadores na temporada transacta.

O ideal para Abílio Hernandez seria a diminuição do número de espectáculos apresentados, para poder apostar numa maior qualidade e rigor. Para tal, seria essencial a existência de uma outra sala de espectáculos em Coimbra, de responsabilidade camarária ou privada.

HSD / EG

Albano da Silva Pereira em entrevista

"Produzir e organizar um projecto

Albano da Silva Pereira continua a ser o homem forte dos Encontros de Fotografia. A edição deste ano, o projecto Mnemosyne, assinala uma viragem de linha de orientação temática daquele que é o maior evento da imagem em Portugal.

Vinte anos depois dos primeiros passos, os Encontros de Fotografia deste ano iniciam o seu ciclo bienal. Fugindo à linha temática dos últimos anos, a edição de 2000 versa sobre a memória da imagem. Projecto Mnemosyne é o nome e Albano da Silva Pereira o director deste acontecimento. A meio caminho andado, uma entrevista onde se fazem balanços. Onde se olha para o CEF, para os Encontros e as relações com o Centro Português de Fotografia.

Que balanços podem ser feitos agora que os Encontros de Fotografia vão a meio?

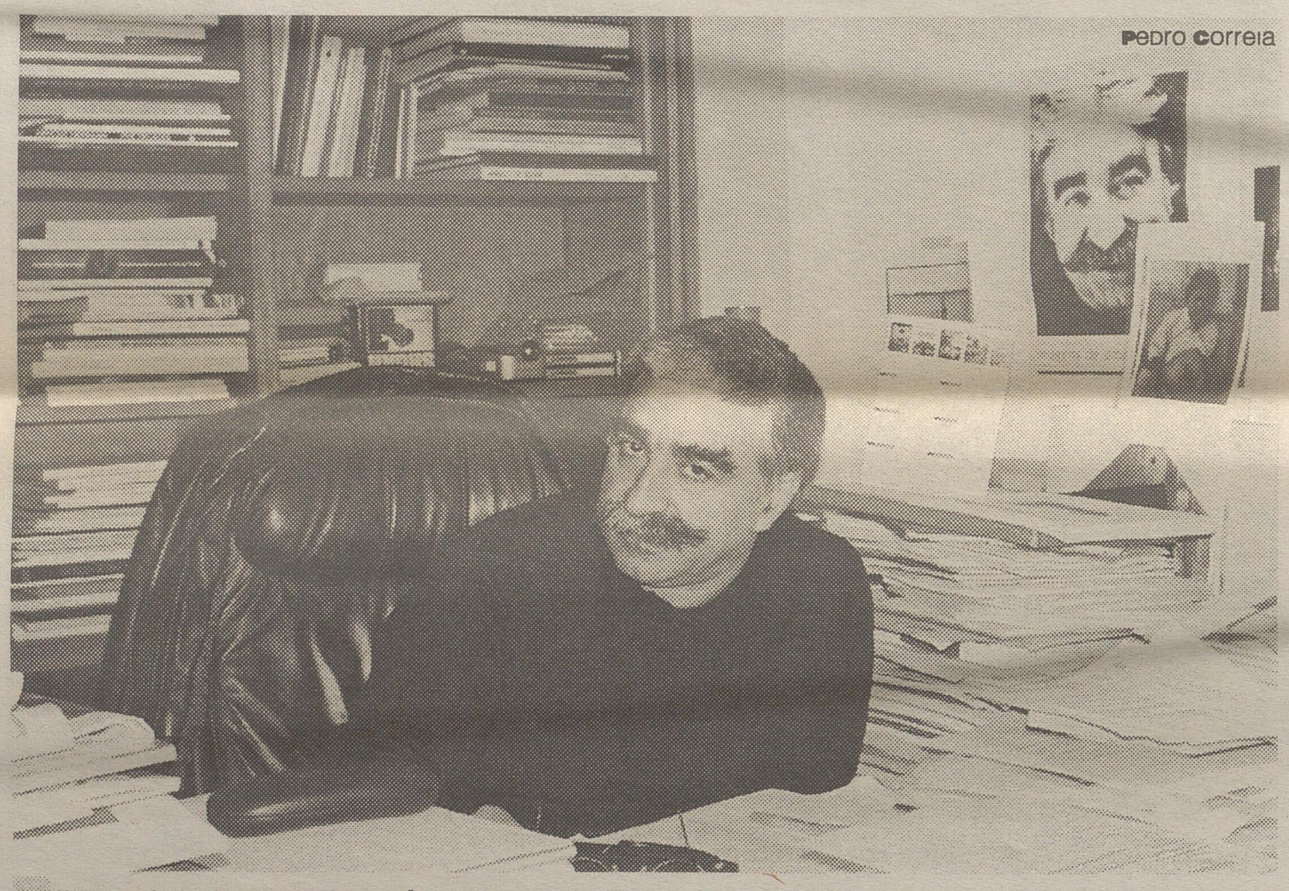
O impacto internacional e o impacto na comunicação social em Portugal foram muito grandes. Não há dúvida nenhuma que, sob o ponto de vista do programa, é de facto um projecto surpreendente e que dá um salto imenso na filosofia histórica e patrimonial que os Encontros tiveram até agora. Em termos de comunicação social, tem sido de um extremo impacto, inclusivamente foi a primeira vez que tivemos uma primeira página no Público. Em termos de visitantes, infelizmente, o balanço neste momento é um bocado redutor na medida em que desde o dia quatro, dia da inauguração, tem estado um tempo incómodo e desconfortável, o que afasta quem vem de fora. Mas até hoje podemos falar de cerca de vinte mil visitantes.

Esta é a primeira edição dos Encontros no formato bienal. Quais as razões que levaram à opção por este modelo?

A primeira razão séria e objectivamente falando, é uma razão financeira. Nem a cidade nem o país demonstraram vontade política para assegurar uma edição anual. É esta a verdade. Desde 1995, os défices que os Encontros apresentavam eram cobertos por mim. Em termos líquidos, andavam à volta de trinta mil contos. E isto não podia continuar sob o risco de se caminhar, obviamente, para um abismo financeiro, para o fim da organização e para o meu fim. Já há dois anos que queríamos passar a bienais e, nesse sentido, houve um ministro que de facto me ouviu de uma forma extremamente séria, que foi Manuel Maria Carrilho. Por outro lado, um dos vectores mais importantes dos Encontros de Fotografia é a relação e o diálogo internacional. Ora este diálogo internacional, na arte contemporânea, faz-se com rigor, a dois, quatro anos. Toda a preparação e organização de grandes exposições faz-se com grandes intervalos de tempo de dois, quatro, seis anos. É evidente que este projecto tem um conjunto de vertentes importantes: a promoção da cidade e da universidade, a complementaridade na animação e, por outro lado, todo o vector comunicação e promoção através da fotografia contemporânea. Não havendo meios financeiros para a realização anual, avançámos para os dois anos. Infelizmente assim foi, apesar de um protocolo feito, apesar de todas as garantias institucionais

Mas deste modo, os Encontros ganham um espaço para respirar, mediante o pagamento do subsídio em tranches anuais.

Foi assim no primeiro protocolo, 30 mil contos mais 30 mil contos por dois anos. Depois passou para 22.500 contos, a título de contrapartida de uma participação de 90 mil contos do Ministério da Cultura. Isto quer dizer que só foram pagos em 1999 os ditos 22.500 contos. Neste ano, o Ministério da Cultura ainda não pagou nada. Talvez esta seja a situação mais dramática, sob o ponto de vista financeiro da organização: 75% da verba, cerca de 70 mil contos, correspondentes à participação do Ministério ainda não vieram. E é bom ver que levantar, produzir e organizar um projecto desta dimensão é um pânico! Está-se muito perto do fracasso. A linha que divide o sucesso e o fracasso é ínfima sobretudo quando a programação financeira falha desta maneira.


Pedro Correia

Albano da Silva Pereira: Há 20 anos à frente dos Encontros

> Nem a cidade nem o país demonstraram vontade política para assegurar uma edição anual.

> Toda a preparação e organização de grandes exposições faz-se com grandes intervalos de tempo

> O estudo e a reflexão sobre a imagem são um património que caberia à Universidade desenvolver

Sempre se falou muito na fronteira que divide o Centro de Estudos Fotográficos (CEF) da Associação Académica de Coimbra (AAC) e os Encontros de Fotografia enquanto Associação Cultural...

O Centro de Estudos Fotográficos é um Organismo Autónomo da AAC que foi o iniciador, com a Câmara Municipal de Coimbra, dos Encontros de Fotografia como festival. É evidente que, com o passar dos anos, a própria filosofia dos Encontros e a sua vertente financeira autonomizaram-se. Enquanto o CEF, como Organismo autónomo, objectiva todo o seu trabalho em torno da formação, porque não tem meios para mais, o festival é, por excelência, exterior, nacional e internacional. O CEF é um Organismo Autónomo da AAC, infelizmente a viver dos duodécimos desta. Tem, depois, um apoio da Reitoria mais substancial para os Encontros de Fotografia, que são uma Associação Cultural, por sinal, dirigida pela mesma pessoa que dirige o CEF. Isto porque CEF e Encontros de Fotografia são complementares. Liquidar um seria liquidar o outro. Com o projecto de recuperação do edifício das Caldeiras teremos os meios logísticos indispensáveis para avançar na área da formação, num trabalho complementar à Universidade...

Fala-se, inclusivamente, na criação de algo semelhante a um Departamento de Fotografia da Universidade.

Isso é um assunto que eu e alguns docentes da Universidade tentámos desenvolver. Penso que a Universidade só tinha a ganhar. Em Coimbra há um capital patrimonial extraordinário em torno da imagem. E isto para além da modernidade da fotografia no contexto das artes visuais: a fotografia já não é especificamente o quadrado a preto e branco, a fotografia existe através do vídeo, do digital. Há de facto uma transformação tremenda na imagem. O estudo e a reflexão sobre a imagem são um património que caberia à

desta dimensão é um pânico!"

Universidade desenvolver. Seria bom a existência de um departamento onde o CEF teria uma complementaridade extraordinária.

E há vontade institucional para isso?

Penso que sim. Aliás, o projecto de recuperação e ampliação das caldeiras tem, objectivamente, condições para isso - é evidente que depois foi restringido em orçamentos, porque estas coisas não se pensam com a devida funcionalidade e estratégia. Houve de facto constrangimentos. Já ficaria satisfeito e feliz se este projecto do departamento fosse para a frente. Agora, eu penso que os Encontros de Fotografia e o CEF deveriam desenvolver esta iniciativa. Infelizmente a Universidade ainda não pegou nisso, apesar do professor Mariano Gago ter feito esse desafio à Universidade de uma forma extremamente inteligente, de ter feito um desafio a uma Universidade cuja historia da arte é extremamente datada, a uma Universidade que não olha a um património contemporâneo de inexcedível interesse na comunicação. E por outro lado seria pioneiro em Portugal. Ninguém o fez até agora, apesar das nossas propostas, apesar dos nossos desafios. Espero que peguem neles...

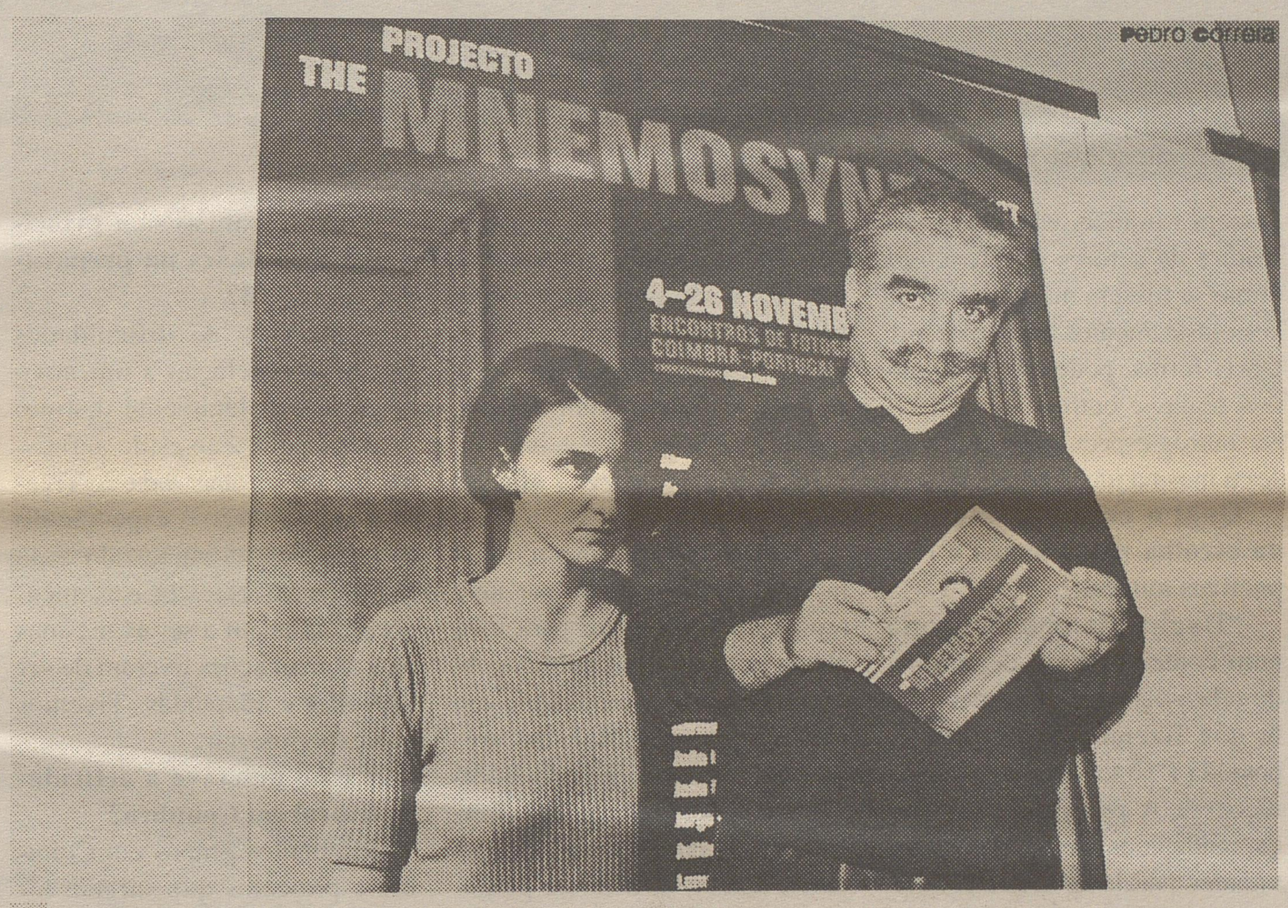
...Nota–se um certo "orgulho" quando se refere a esta iniciativa...

Como é evidente. Vim para Coimbra porque entendi que esta cidade tinha um potencial imenso, particularmente com a sua Universidade. Agora não podemos estar sempre no mesmo sítio a falar do passado. Temos que olhar para o futuro. A começar pela própria AAC: há duas atitudes no olhar das actividades da AAC. Uma é olhar de uma forma limitativa, reducionista, passadista e reacionária: é olhar só para a capa e batina e olhar para o culto da tradição e rigoprosamente mais nada. A AAC só se enriquece quando se abrir à sociedade exterior, sem, obviamente, transigir nos seus valores. E esta é a segunda atitude. Quando a Académica se abrir, mais intervenção terá. E a AAC teve e tem que ter uma intervenção na cidade absolutamente crucial para a difusão e animação cultural de Coimbra. E o CEF pode bem ser um bom exermplo disso. Foi a primeira galeria de fotografia em Portugal, em 1974. O estudante teria assim mais formação, mesmo no plano cívico. Com este projecto de departamento de fotografia também. Eu estou sempre a por propostas sobre a mesa, mas há limitações, é claro, e, diria, forças retrógradas em todos os lados.

> CEF e Encontros de Fotografia são complementares. Liquidar um seria liquidar o outro

> a Dra Teresa Siza está à frente do CPF e deve-o exclusivamente ao seu currículo como minha assistente durante sete anos aqui nos Encontros

> a Arte Contemporânea engoliu a fotografia



Os Encontros entram pela primeira vez no ciclo bienal

Mudando de tema, são conhecidos os seus desentendimentos com o Centro Português de Fotografia e com a sua directora geral Teresa Siza.

É preciso clarificar que o CPF é um instituto público do Estado, dependente do Ministério da Cultura. A Dra. Teresa Siza é a directora geral desse instituto. Aquilo contra que me insurjo são as atitudes, comportamentos por parte da directora geral, comportamentos esses de estrangulamento financeiro e, digamos, atitudes persecutórias em relação aos Encontros de Fotografia e a mim particularmente. Atitudes que limitariam e liquidariam a curto e médio prazo os Encontros. E não sei se o farão... Por outro lado, enquanto director dos Encontros de Fotografia e enquanto fotógrafo, lamento que um instituto público que foi criado para ser regulador e para se entender de uma forma civilizada com os vários interlocutores na fotografia em Portugal nos trate desta maneira, pois os Encontros foram, durante anos, o garante da sobrevivência da fotografia em Portugal. Não pode ser um instituto que aparece há dois anos, criado com os dinheiros do Estado, a criar regras sem ouvir as instituições. Regras pura e simplesmente arbitrárias.

Referiu–se a atitudes persecutóras sem no entanto exemplificar...

Olhe, dou–lhe o exemplo de uma acta de 1998 onde a Dra. Teresa Siza decidia pura e simplesmente cortar 30% no orçamento que os Encontros de Fotografia tinham. E por aí adiante, veja–se a criação de um regulamento para a produção do festival de 1998. Só com a desautorização do Ministro da Cultura é que as coisas sobreviveram e as intenções da Dra. Teresa Siza não foram avante. Por outro lado é importante dizê–lo que há algo de sentimental e afectivo nisto: a Dra. Teresa Siza está à frente do CPF e deve-o exclusivamente ao seu currículo como minha assistente durante sete anos aqui nos Encontros. É uma verdadeira traição, além de uma injustiça e incorrecção, em relação ao projecto que mais fez pela fotografia em Portugal até hoje.

O comissário destes Encontros, Delfim Sardo, fala de uma crise da fotografia no contexto das Artes Contemporâneas. Será que há uma tendência para estas consumirem a fotografia?

A questão prende–se com a formação e informação nestas áreas. Infelizmente este país tem um défice tremendo, assim como a cidade de Coimbra. Se se vai ao ArCo a Madrid a Serralves ou ao CCB percebe–se que hoje, 60 a 70% do que se chama Arte Contemporânea é registo fotográfico. Portanto há uma evolução extrema: a Arte Contemporânea engoliu a fotografia. E os mercados ditam as leis: 70% do sucesso das grandes colecções de arte contemporânea mundiais têm ou são compostas por registo fotográfico: Há uma opção clara em torno da estética do registo fotográfico. Os Encontros têm, neste caso, uma das qualdidades que é a de serem pioneiros na cultura portuguesa: despoletaram a reflexão neste âmbito.

Quem vê o projecto Mnemosyne, apesar das diferenças óbvias, não pode deixar de reparar numa certa linha de continuidade com a edição de há dois anos dos Encontros, então um registo da identidade europeia, sob a égide das "Paisagens do Quotidiano"...

Este ano há registos de memória. Não do objecto em si que era a Europa nos Encontros de 1998. Há uma certa continuidade, mas não em torno do objecto. O que antes foi uma atitude documental, em termos de correntes estéticas, foi-o em torno do objecto que era a Europa. Este ano, por seu lado, existe um mosaico de obras à volta de uma determinada obra sociológica que é a obra de Aby Warburg, a que ele chamou Mnemosyne, a memória das imagens. Não em redor de um objecto, mas em torno da contemporâneidade do processo fotográfico no seio da Arte Contemporânea. Nesse sentido há uma opção mais declarada pela concepção de uma só exposição, de um só projecto, de um só livro, ao contrário do que aconteceu em 1998.

Como observa o actual panorama da fotografia em Portugal?

A fotografia portuguesa está bem entregue. Contudo, o problema dos novos fotógrafos é o problema da arte em geral em Portugal: somos um país periférico, com défices de formação e informação bem conhecidos. Temos muito que andar e trabalhar, particularmente no campo do ensino, através do estabelecimento de uma relação entre a arte e as universidades, para que as pessoas se formem. Enquanto não existirem estruturas logísticas - repare que em Coimbra não há um espaço que albergue uma grande exposição internacional- não se pode fazer muito.

Dessa forma, os Encontros perdem por existirem em Coimbra?

Sou de Coimbra e bati–me por um projecto de e para Coimbra. Sob o ponto de vista financeiro talvez fosse mais facil organizar um acontecimento destes numa grande cidade. Mas a minha vida é em Coimbra.

Eduardo Brito

A Bonifrates e a poesia

Entre nós e as palavras

"Duplos Sentidos" é a proposta mais recente da Cooperativa Bonifrates e procura utilizar as palavras dos autores portugueses como forma de intervenção.

"As pessoas nem sequer vão ver para dizer que não gostaram"

Contando com vinte anos de existência, este grupo é um das companhias teatrais mais activas de Coimbra. No seu currículo encontram–se nomes tão variados como Dario Fo, Gil Vicente e Molière. O dia 25 deste mês será a última oportunidade para *sentir a poesia deste espectáculo*. Para o futuro, está reservada uma viagem ao universo de Saint–Exupéry. A CABRA conversou com João Paulo Janicas, o encenador do recital.

Como surgiu a ideia de um espectáculo de poesia?

A ideia não partiu de mim mas de outros dois elementos da cooperativa, o Carlos e o Basílio. No entanto, já tínhamos feito algumas experiências do género ainda que de forma irregular. Por vezes fazem–nos solicitações concretas, pedem–nos um espectáculo sobre a poesia de um determinado autor e, depois de preparado, acaba por ser feito uma ou duas vezes no máximo, desaparecendo de seguida. A ideia aqui foi fazer um pouco mais do que isso: criar um espectáculo em que as estruturas fossem variando, isto é, uma estrutura de actores que funciona como se fossem músicos com os seus instrumentos e um maestro. Desta forma, podemos, com outros temas e outros poemas, fazer outros espectáculos partindo desta mesma ideia–base.

Qual o critério adoptado na escolha dos poemas e respectivos autores?

"Duplos Sentidos" surgiu num contexto muito determinado relacionado com o espectáculo que fizemos na temporada passada ("Crap- Fábrica de Munições"). A propósito dessa peça, realizámos uma série de actividades paralelas a que chamamos "Senhores da Guerra".

"Duplos Sentidos" é, portanto, uma reposição?

Sim, o espectáculo estreou em Maio. Foi, contudo, no nosso espaço - Teatro Estúdio Bonifrates (que agora está parciamente ocupado pela Festa do Livro) - e não aqui na Sala Polivalente da Casa Municipal da Cultura. Neste momento, o nosso objectivo é a apresentação como um espectáculo autónomo e a abertura de um novo trabalho de divulgação pelas escolas pois os autores são portugueses e geralmente estudados. É interessante abranger esse público e já temos escolas que vêm de fora, apesar de se realizar à noite.

Preocupa-o a fraca afluência de público?

A mudança de espaço e o facto de o espectáculo ser uma reposição contribuem para uma menor afluência de público. As primeiras apresentações, em Maio, tiveram a afluência normal para os trabalhos da Bonifrates: os oitenta lugares do Teatro Estúdio em todos os dias que esteve em cena. O nosso propósito era, evidentemente, abranger a generalidade do público se bem que sabemos ser complicado cativa–lo visto que existem outros espectáculos na cidade, como o Jazz, por exemplo. Mas a nossa preocupação ao fazer estes espectáculos abertos ao público em geral é que professores e outros responsáveis pelo ensino venham fazer uma primeira visão do espectáculo e depois o divulguem.

Quais foram as suas principais dificuldades na preparação do recital?

O público. As dificuldades iniciais em relação a um novo espaço completamente distinto do nosso, que é ao estilo anfiteatro, foram ultrapassadas... Tivemos que alterar o espectáculo em função do espaço da Sala Polivalente. Os textos e as intenções continuam a ser as mesmas mas as marcações tiveram de ser alteradas e adaptadas. Tivemos que experimentar.

Como descreve a actividade teatral em Coimbra?

Há muitos grupos em Coimbra e projectos que surgem todos os anos. Lembremos os grupos universitários (CITAC e TEUC), o "Boca de Cena", o "Teatro do Morcego", as companhias profissionais "Escola da Noite" e "O Teatrão". Ainda há outros grupos sem tanto conhecimento público. Esta diversidade é importante mas, às vezes, falta um pouco de diálogo e de intercâmbio entre os grupos. A maior questão é que, provavelmente, a massa de público que temos não corresponde à quantidade de teatro de que dispomos. Numa cidade com dezenas de milhares de habitantes, a proporção das que vão ao teatro é mínima. É certo que os grupos profissionais têm outros meios de atingirem o público e de recorrerem aos meios de comunicação mas também não têm muito público. Cada vez mais, o espectador tem acesso a outras formas de entretenimento como a televisão ou mesmo as idas à discoteca. É o resultado do fruto dos tempos. As pessoas nem sequer vão ver para dizer que não gostaram. Nós já sentimos cá, há seis ou sete anos, uma maior vivacidade de público do que agora.

Qual será o próximo trabalho da Bonifrates?

Estamos a trabalhar no texto de Saint–Exupèry, "O Principezinho". O projecto vem no seguimento de uma experiência anterior com o TAGV ("As Profecias do Bandarra"). É uma co–produção e está agendada para Janeiro.

João Vaz Silva

Na volta dos Descobrimentos

Um protocolo estabelecido entre autarquias é o mote para a estreia de "Na Volta do Mar"

No palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), vai–se poder ver o fruto um intercâmbio teatral entre diversos grupos de expressão dramática das cidades de Braga, Évora e Coimbra. Neste caso específico, o Centro Dramático de Évora (CENDREV) traz–nos um espectáculo composto a partir de textos de Luís de Camões, Gil Vicente e Diogo do Couto. Far–se–á também a inclusão de um texto recolhido pelo Padre Mário Martins chamado Auto da Carreira da Índia.

Com a encenação de Gil Salgueiro Nave, "Na Volta do Mar" insere–se na passagem da comemoração dos 500 anos do "achamento" do Brasil. Como bem sabemos, estas histórias marítimas envolvem tragédias e alegrias vividas por marinheiros que partem para viagens ruma ao desconhecido. Neste espectáculo, adoptam–se vários pontos de vista do fenómeno das Descobertas.

No texto de apresentação da peça, o encenador confessa a sua grande admiração por um dos maiores vultos da dramaturgia portuguesa. Assim, "sempre que visito a obra vicentina dou–me conta da felicidade deslumbrada que o encontro me provoca", esclarece o próprio. Um claro hino à força que as epopeias encerram no imaginário do homem.

O título da peça, "Na Volta do Mar" reporta–se à rota larga adoptada pelos navegadores, que se aproximavam da orla brasileira para poder aproveitar os bons ventos a caminho das Índias. Portanto, a peça apresenta–se como um "puzzle" de reflexões e poesias, em forma de narrativa, sobre a problemática da Expansão Ultramarina.

Pela segunda vez, o CENDREV marca presença em Coimbra com o seu mais recente trabalho, numa iniciativa que pretende fazer circular pelas três cidades cerca de 12 espectáculos por ano. Foi esta a forma que esta companhia encontrou para celebrar os seus 25 anos de actividade. Estará em cena nos dias 24 e 25 de Novembro, sempre às 21h30.

HSD

Novembro 2000

Cinema

Cinemas Millenium
Cineteatro: "A Cela" de Tarsem Singh
Sessões:14h15, 16h45, 19h15, 21h45
Estúdio 1: "Através da Noite" de Woody Allen
Sessões: 14h00, 16h00, 18h00, 20h00,22h00
Estúdio 2: "Palavra e Utopia" de Manoel de Oliveira
Sessões: 14h30, 17h00, 19h30, 22h00

Cinemas Castelo Lopes
Sala 1: "Snatch - Porcos e Diamantes" de Guy Ritchie
Sessões: 14h30, 16h45, 19h00, 21h30
Sala 2: "A Cela" de Tarsem Singh
Sessões: 14h45, 17h00, 19h15, 21h45

Rádio

Freud e Maquiavel
TSF - 11h00 - Sábados

Poesia Dita
Antena 1 - 00h50 - Domingos

Televisão

"Os Sopranos"(série)
RTP2 - 23h00 - Terças-feiras

"Sim,Sr. Ministro"(série)
RTP2 - 24h00 - Sábados

"Perigo Íntimo"(filme)
TVI - 23h00 - 26 de Novembro

"Rádio Macau"(documentário)
Sol Música - 19h00 - 23 de Novembro

Música

Lançamento de "La Toilette des Ètoiles", mais recente álbum dos Belle Chase Hotel
TAGV - 21h45 - 29 de Novembro

Fotografia

Lançamento de "Memória Afectiva" de Luís Palma (catálogo de exposição) e conversa com as presenças de João Pedro Serôdio, Luís Palma, Baltazar Torres (a confirmar) e Luís Palma
TAGV - 22 de Novembro - 18h00

Aniversário do Orfeon

Fundado a 29 de Outubro de 1880, o Orfeon Académico de Coimbra prepara para o dia 7 de Dezembro, às 21h45, um repertório de peças recolhidas ao longo dos seus 120 anos. Num espectáculo dirigido sob as batutas de vários maestros, este aniversário contará também com a participação do Coro dos Antigos Orfeonistas. No dia 8, terá lugar no TAGV outro espectáculo com participações de tunas e o próprio Orfeon Académico de Coimbra, o mais antigo coro português.

Teatro

"Na Volta do Mar" do Centro Dramático de Évora com encenação de Gil Salgueiro Nave
TAGV - 24 e 25 de Novembro, 21h45

"Fim da Partida" de Samuel Beckett com encenação de Paulo Castro
TAGV - 4 e 5 de Dezembro, 21h45

Poesia

"Easy Listening" com poesia de Al Berto, António Franco Alexandre e Helder Moura Pereira;
TAGV - 11 de Dezembro - 22h00

artes

OUVE-SE

Dias bonitos

Três anos depois de Pop, os U2 voltam às luzes da ribalta com All That You Can't Leave Behind. O 10º álbum de originais da banda irlandesa é um bom disco de música rock que se assume como o prometido regresso às origens. Neste trabalho, os U2 soam mais a U2: a guitarra de The Edge é mais "edgy", a voz de Bono soa mais *à Bono* e a secção rítmica, que se queixava de falta de protagonismo no último álbum, está mais forte. Os U2 parecem estar mais unidos. Ao ouvirmos este disco, fica–nos a ideia que estamos perante um conjunto de canções que resultarão extremamente bem quando tocadas ao vivo: Beautiful Day, New York, Wild Honey e Elevation são bons exemplos. Depois, encontramos temas fortes como Walk On, When I Look at the World e In a Little While, provavelmente a melodia mais bonita do álbum. Para ouvir vezes sem conta. Um pouco como One.

A genialidade de Achtung Baby e de Zooropa já faz parte do passado . Os anos passam mas uma coisa é certa: os U2 da meia idade continuam a ser incapazes de fazer um mau álbum. Dentro do leque de álbuns que compõem a discografia da banda de Dublin, podemos colocar All that You Can't Leave Behind na estante que separa álbuns soberbos como Achtung Baby, The Unforgettable Fire ou Joshua Tree de discos bons como Rattle and Hum, War ou Pop...

All That You Can't Leave Behind tem um título bonito, é um álbum bonito. A anunciar uns U2 mais velhos mas nem por isso menos... U2.

Eduardo Brito

U2

"All that you can´t leave behind"
Island (2000)

A_MINHA_NET

Godspeed You Black Emperor!

Levez Vos Skinny Fists Comme Antennas To Heaven!
Kranky (2000)

Punhos delicados

Se houvesse música durante os últimos instantes do milénio os Godspeed You Black Emperor! (GYBE!) comporiam, melhor que ninguém, a sua banda sonora perfeita. Vêm de Montreal, Canadá, com uma carreira de cinco anos intensos onde pouco se sabe sobre este noneto mas muito se escreve e especula.

Após três anos de jejum depois de f#a#∞ - apenas cortados com Slow Riot for New Zero Canada EP e edições em projectos paralelos bem como alguns bootlegs - Levez vos... apresenta–se, nas suas quatro faixas, como um disco de fragmentos negros, catártico, tempestuoso e estimulador de sensações humanóides recônditas num duplo registo empacotado em cartão rude. Ao longo dos seus 87 minutos ouvem–se ventos frios do norte diluidos em silêncios, interrompidos por baterias marciais, sintetizadores, samplers, guitarras e baixos eléctricos que gritam com feedbacks metálicos até à sua exaustão, sem se preocuparem com os sinos fúnebres ou a delicadeza dos violinos, piano e violoncelos, numa depuração estética exuberante e transfigurável.

O ouvinte é convidado a sucumbir nos infindáveis crescendos brutos, improvisados e manipulados até ao clímax da indefinição do som que se torna ruído e, lentamente, decresce e respira nos momentos de esperança e lágrimas.

Por entre os sons urbanos são perceptíveis homilias de pregadores neuróticos gravados em registo lo–fi, complementados com transistores mal sintonizados numa histeria de monólogos isolados.

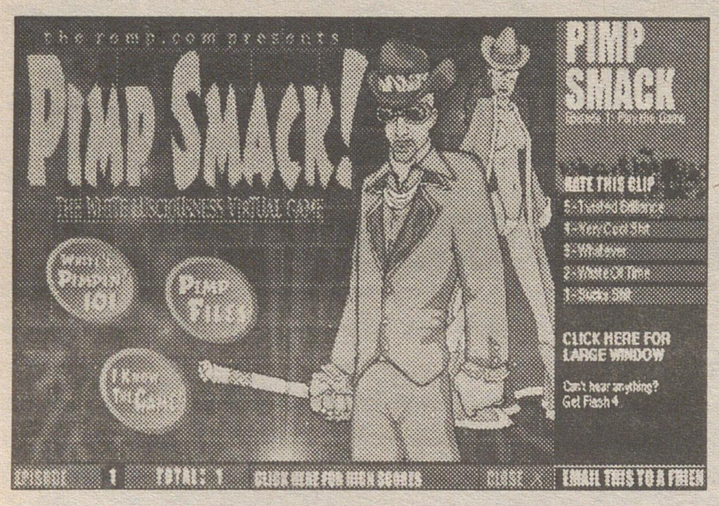
Adrenalina, ambição e raiva imiscuem–se nos instrumentais épicos roçando, por vezes, a melancolia tornando–se, paradoxalmente, poderosos e maravilhosos sem que o contexto seja desvirtuado.

Levez vos... é o colapso duma sociedade em luto olhada pela clausura dos GYBE!.

Rui Caniço

TODOS DIFERENTES, TODOS IGUAIS

www.romp.com



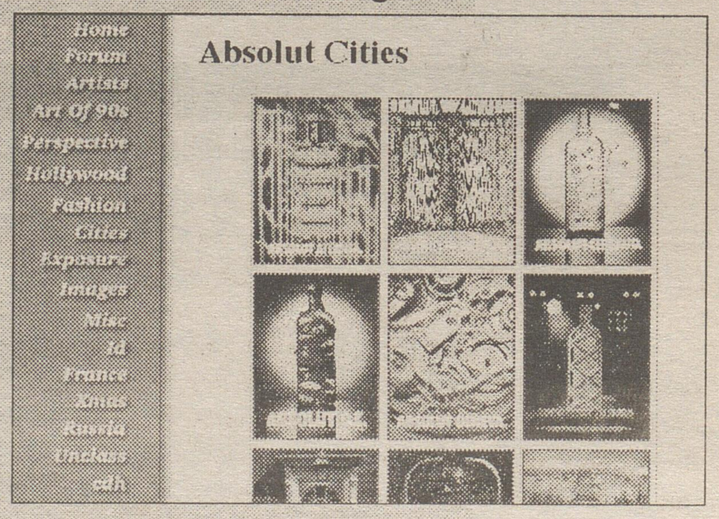
Neste site alguns "fans" fazem uma sátira a variadíssimas celebridades. Destaque especial para a *celebrity pinata* onde podemos "dar porrada" em David Hasselhoff, Ricky Martin, Woody Allen ou mesmo Don King. Para além disso encontramos jogos e animações em Java juntamente com outras "surpresas".

A não perder também as animações sobre o napster que começou como uma "brincadeira" para trocar uns MP3´s entre amigos e rapidamente assumiu uma dimensão incómoda para alguns. Exemplos conhecidos não faltam: os Metallica decidiram inclusivamente processar os autores do programa.

www.nameplanet.com

Longe vão os tempos em que uma simples conta de e–mail era um serviço pago na internet. Hoje em dia existem serviços para todos os gostos de forma gratuita. As diferenças agora estão na quantidade de publicidade que somos obrigados a aceitar. No entanto, um serviço oferece (a quem tiver sorte) um endereço do género nome@apelido.net ou .as que sempre permite obter um e–mail fácil de memorizar. Apelidos como Martins, Lobo, Ferreira ou Santos estão disponíveis e a caixa tem a invulgar capacidade de 5 Mb.

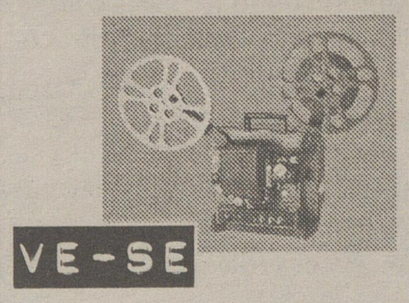
www.absolutad.org



A publicidade à vodka Absolut apresenta algumas das melhores obras de "arte" publicitária encontradas nas revistas de todo o mundo desde 1987. Neste site podemos encontrar um arquivo com algumas das melhores devidamente catalogadas.

Rui Justiniano

Feitas



"Palavra e Utopia" - Manoel de Oliveira

Há um nome que se tornou incontornável na história do cinema português. Um realizador cuja prolificidade só rivaliza com a sua perseverança em continuar a criar obras de grande beleza fílmica. Manoel de Oliveira, a menos de um mês de fazer 92 anos, realizou este ano um sonho antigo: o de transpor para a tela um dos mais importantes obreiros da nossa Língua, o Padre António Vieira. Tanto assim que Pessoa, em "Mensagem", definiu este como o "Imperador da Língua Portuguesa".

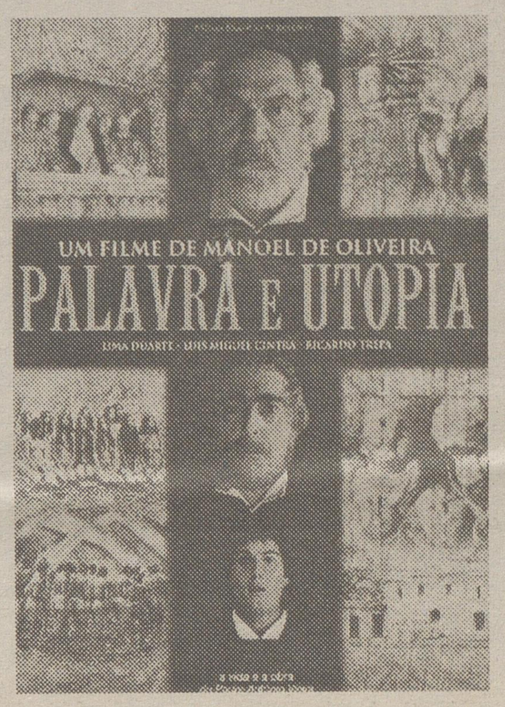
Os actores Ricardo Trepa, Manuel Luís Cintra e Lima Duarte encarnam este grande humanista e orador em três fases distintas da sua vida. O primeiro actor não merece grandes referências dado o seu desempenho paupérrimo. Luís Miguel Cintra pautou-se por uma representação sóbria e fleumática, a fase da maturação intelectual de Vieira. O melhor fica mesmo para a última fase do filme. O actor brasileiro Lima Duarte pode ser visto como a verdadeira força motriz deste filme. Um aspecto peculiar a realçar é o facto de haver uma tentativa de criar um "padrão linguístico" como forma de recriar o luso-brasileiro característico de António Vieira.

A história começa "in media res" no século XVII com um interrogatório ao padre jesuíta por parte da Inquisição. Os conceitos presentes no título do filme reportam-se àquilo que Oliveira considera a chave da personalidade do Padre António Vieira. A palavra devida ao dom retórico e grandiloquente que este possuía e a utopia com que ele norteava as suas acções. O filme respira essencialmente à custa de uma selecção antológica, por parte do realizador e argumentista, dos famosos sermões e as missivas elaboradas que Vieira engendrava.

A nível visual, os planos-sequência, tão habituais em Oliveira, marcam os momentos de inspirada declamação oratória e testemunham que a obra transcende o homem. Neste caso, a figura mítica de António Vieira já constitui uma presença inequívoca no panteão do imaginário intelectual e linguístico português.

Bastante aplaudido no estrangeiro desde que estreou no Festival de Veneza, "Palavra e Utopia" espelha bem a teimosia (no bom sentido, claro) com que Oliveira se bate por um cinema de autor muito "sui generis". Uma obra essencial para os seus indefectíveis.

Helder Silva Dantas



P.S. Atenção à presença do cão Sócrates numa cena do filme.

"Dom Casmurro" *Machado de Assis*

"Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. (...) Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas" (cap. 59).

Se se não conceder a esta permissão o peso que possui, não se pode compreender Dom Casmurro, obra maior de Machado de Assis, o mais importante escritor da história da literatura brasileira e um dos mais excepcionais da língua portuguesa (que, incompreensivelmente, continua a ser ignorado pelos programas do ensino secundário e mantém-se como um desconhecido para a maior parte dos portugueses). Pode-se considerar Machado um dos grandes autores universais: notável observador do ser humano, antecipa magistralmente o romance psicológico, dando relevo ao mundo interior das suas personagens - afastando-se, assim, das orientações da corrente naturalista e da exactidão cientista finisseculares (o mundo interior é um espaço onde predomina a dúvida e nunca a certeza) - sem que o seu olhar perca em lucidez na análise da sociedade brasileira do seu tempo. Para lá de uma escrita de excelência in-

questionável, o que é absolutamente extraordinário em Machado de Assis é a introdução de uma técnica narrativa espantosa: o uso de um narrador não fiável. Se tal recurso foi explorado um pouco por toda a sua obra de vulto (e neste domínio são essenciais alguns dos seus contos) é com Dom Casmurro que atinge o seu melhor nível.

Trata-se do livro de memórias de Bento Santiago, agora cognominado Dom Casmurro na velhice, e reporta-se principalmente à sua infância e juventude, quando ainda merece o nome de Bentinho. Porém, percorrendo a vida de Dom Casmurro, descobre-se na verdade um outro protagonista do romance: Capitu, sua companheira de infância e, posteriormente, sua mulher. Quem é com certeza esta personagem não chegaremos a saber: Dom Casmurro não é um narrador imparcial. Na verdade, ainda que o tentasse ser, estaria à partida vencido pelas suas circunstâncias, pois que as acções narradas se encontram filtradas pela memória (e esta adultera todo o passado, moldando-o segundo os conhecimentos que entretanto se adquirem). Mas, mais do que isso, Bento é um sujeito profundamente ferido pela crença na traição da sua mulher - e esse factor tem de condicionar toda a leitura que do texto se faça.

Sabe-se que na escrita machadiana tudo pode significar o oposto daquilo que se é dito, dependendo da fiabilidade do narrador. Ora, neste caso, o narrador pretende, pelo poder da palavra, indiciar Capitu como culpada de adultério (e o indício, em Machado, é sempre difundido no texto com uma tenuidade que no entanto o não disfarça - porque o não pretende disfarçar) e, assim, a imagem que ressalta, ainda quando dela só temos conhecimento da infância, é a de uma rapariga oblíqua e dissimulada. Só no final do livro Bento concluirá da culpabilidade da mulher, convencendo-se de que essa Capitu menina continha já a Capitu mulher, "como a fruta dentro da casca" - e com ele, durante mais de meio século, na recepção da obra não se deu a Capitu o benefício da dúvida. Mas a verdade é que não há nenhuma prova absoluta que a incrimine (tudo é construído com base em suposições de Bento que não são decisivas), e, bem pelo contrário, tudo propicia a que se não dê crédito ao que o narrador, Dom Casmurro, pretende insinuar - basta um pouco de atenção para surpreender, ao longo de toda a sua vida, um carácter pouco lúcido, um ciúme exagerado e uma imaginação fértil. Ler a narração deste homem é um desafio constante: há que ler o que ele diz e, por trás, o que ele quer que fique dito (jogo mais interessante ainda é compreender de que modo é dito na obra o que ele não quer que fique dito, ou seja, aquilo que desautoriza ou pelo menos põe em causa as suas suspeitas - e aí já passamos do domínio do narrador para o do autor). A dúvida instaurada no romance será, no entanto, irresolúvel; aliás, se de algum modo se apontasse uma solução o livro perderia todo o seu sentido.

Gonçalo Duarte

A grande festa de aniversário

Eis que chegamos a mais um excitante acto eleitoral.

Primeiro, o aniversariante faz a sua lista de melhores amigos para o grande evento anual, avaliando–os de acordo com as possibilidades que cada um deles tem de trazer ainda mais amigos para a festa.

Depois há que decorar o vetusto recinto do evento. Colocam–se as faixas que se referem à lista do aniversariante, decora–se tudo muito bem com o símbolo da sua associação preferida e distribuem–se papéis a anunciar o grande festim que se prevê.

Mas surge um problema. O nosso aniversariante, que vinha já há algum tempo a preparar a sua festa, descobre que outro dos seus colegas também faz anos.

Gera–se o conflito e a disputa. Afinal, só um é que pode festejar. Os aniversariantes reúnem–se com os seus melhores amigos para tentar encontrar estratégias que consigam fazer com a sua festa seja a melhor. Encontra–se um esconderijo onde planear tudo isto.

Fazem–se papéis a relembrar todos os amigos o que de bom foi feito por eles no ano inteiro, os bons momentos que estes lhes proporcionaram, os rebuçados partilhados... Promete–se uma batalha constante no sentido de as aulas lá na escola terem mais qualidade e de na hora do recreio fazer grandes festas com refrigerantes para todos.

A certa altura os papéis invertem–se. Já desesperados os aniversariantes começam eles próprios a prometer prendas a quem vier à sua festa. Prometem dar–lhes a chefia de uma parte da festa, prometem a primeira fatia do bolo, a hipótese de poder passar nas perguntas da tabuada depois de os outros já o terem feito.

Depois desta trabalheira toda chega o clímax da acção, o dia da festa.

O aniversariante já avisou a mãe a dizer que a conta telefónica ia aumentar este mês, visto que alguns dos seus amigos são bastante esquecidos. Outros não têm como vir à festa e o aniversariante, sempre solícito, até os vai buscar à escola. Montam–se complicadíssimas estratégias de modo a que ninguém deixe de se divertir nesse grande dia.

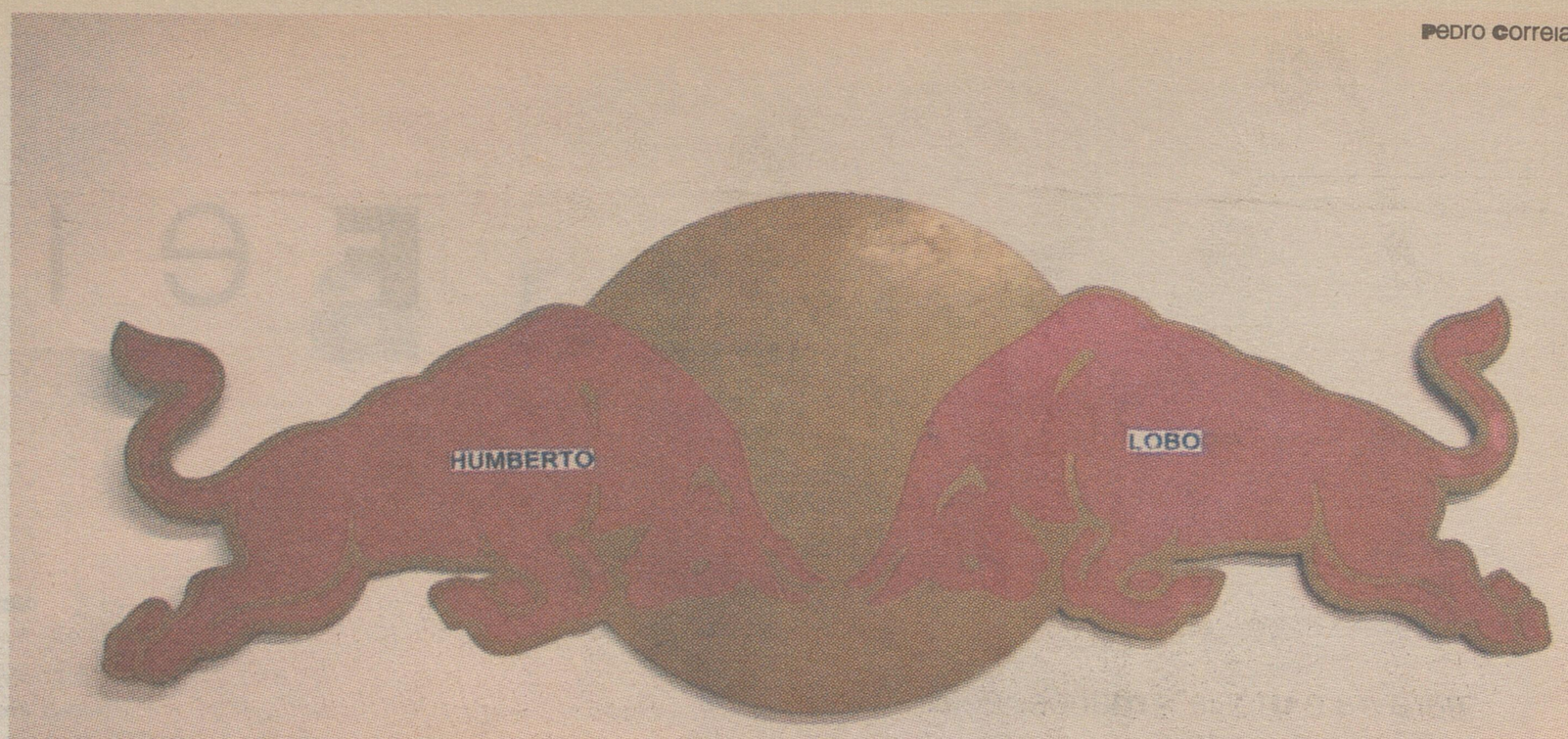
Estas festas dependem, acima de tudo, de um grupo específico de amigos. Os amigos que têm muitos amigos, que têm muitos amigos.

Passada a festa apercebemo–nos de que afinal poucos tiveram a oportunidade de se divertir, porque não sabiam de nada do que se passava. Estes nunca mais vão sair de casa e vão ser abandonados como o foram os grandes amigos que tinham muitos amigos.

É o fim da festa.

Bruno Ferreira

Pedro Correia



"A arena eleitoral"

Este poderia ser o título da situacional alteração deste placard publicitário realizada por alguns estudantes numa alusão ao confronto eleitoral que se avizinha. Não há lugar para a indiferença, o momento da verdade aproxima–se.

Toda uma máquina de campanha torna–se galopante, agita, incomoda. Ao longe surgem aqueles que acenam, num rectangulo de papel, os últimos argumentos destinados à persuasão dos que passam. Do alto pendem os habituais jardins suspensos, enfaixados em palavras de ordem, sussurros de pano destinados a encher a vida daqueles que passam. Ideias, projectos, debates, esclarecimentos, perguntas, respostas...toda uma esquizofrenia eleitoral que extravasa e envolve a Academia.

Uma guerra, um confronto, um último suspiro rumo ao lugar almejado...(?) Durante uma semana, a Academia pára, estremece, balança ao sabor das ondas criadas por aqueles que embalam e se deixam embalar.

Sérgio Alves

FAC com eleições marcadas

A Federação Académica de Coimbra (FAC) já iniciou o seu processo de constituição definitiva. Após um período de alguma incerteza, já é certo que a FAC será constituida, nesta fase inicial, por cinco associações de estudantes do politécnico de Coimbra: Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, ARCA, Escola Superior de Tecnologias da Saúde, Escola Superior de Educação de Coimbra e Escola Superior de Enfermagem Bissaya–Barreto. Esta federação foi constituida à partida com uma Comissão Instaladora, que foi concebida para ter um tempo útil de vida de 180 dias a contar da aprovação dos estatutos, que aconteceu a 7 de Julho. Sendo assim, esta comissão já marcou as eleições para a direcção da FAC, a realizar no dia 13 de Dezembro.

Esperam–se agora mais desenvolvimentos no que concerne à relação deste novo organismo com a Associação Académica de Coimbra.

"Aposta na Vida, Escapa da Sida"

Para assinalar o Dia Mundial da Luta Contra a Sida, a 1 de Dezembro, realizam–se em Coimbra uma série de eventos para não deixar esquecer esta data. A iniciativa recebe o nome de "Aposta na Vida, Escapa da Sida" e é organizada pela Comissão Distrital da Luta Contra a Sida. Do programa, a decorrer entre 27 de Novembro e 1 de Dezembro constam, entre outros eventos, conferências, debates e acções de formação. Também durante toda a semana serão expostos, na Casa Municipal do Desporto,os trabalhos realizados pelos alunos das escolas do Concelho de Coimbra seleccionados para os concursos de fotografia, vídeo, cartazes e página web. De destacar ainda que todos os dias haverá animação de rua, para divulgar as iniciativas em curso.

O Jardim dos Poetas

Orçado em 15 mil contos, o Jardim dos Poetas constitui um novo projecto da Câmara Municipal de Coimbra e que prevê uma requalificação estética do Penedo da Saudade.

O projecto apresentado pela autarquia prevê o melhoramento dos espaços verdes assim como a instalação de novos bancos, sem que os existentes sejam retirados.

O busto de Eça de Queiroz, inaugurado em Setembro com a presença do Presidente da República, Jorge Sampaio, constituiu uma das primeiras etapas deste processo. O autor de "Os Maias" junta–se deste modo a António Nobre e João de Deus. Já foram encomendados os bustos de Sá de Miranda, Miguel Torga e Edmundo Bettencourt ao escultor Francisco Simões, o mesmo autor do busto de Eça de Quieroz.

Este espaço irá ainda acolher os bustos de Antero de Quental, Afonso Duarte e Camilo Pessanha que se encontram no Parque Manuel de Braga, na Casa Municipal da Cultura e no Jardim da Sereia, respectivamente.

Outra vertente do empreendimento engloba a criação de uma sala de tertúlia e um espaço dedicado à leitura, que permitirá um maior contacto e convívio da população com a poesia.

A escolha dos nomes que irão "habitar" o Jardim dos Poetas prende–se com a sua ligação, de alguma forma, à cidade de Coimbra. Autores como Teixeira de Pascoaes, José Régio, Fialho de Almeida, Francisco Rodrigues Lobo e também alguns nomes contemporâneos como Manuel Alegre.

A autarquia pretende ainda desenvolver actividades que encerram a participação de poetas na sala de tertúlia. Assim, pretende–se que este seja um espaço de dinamização cultural.

Venham os comissários

Já estão abertas as inscrições para os candidatos à Comissão Central da Queima das Fitas 2001. A data prevista para as eleições é o dia 28 de Novembro, e podem concorrer todos os quartanistas grelados no corrente ano lectivo. As inscrições realizam–se na Sala so Conselho de Veteranos, no Edifício da AAC, de 8 a 21 de Novembro, das 15h30 às 18h, e das 22h 30 às 00h.

Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de :
* 1 rolo,
* 1 álbum,
* 1 Ampliação 20x30
Revelação em 30 minutos
Após a 6ª revelação oferta da 7ª
FOTO MONTEIRO
Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Estúdio oficial da Latada 2000